

A ORCA DE CORGAS DA MATANÇA (FORNOS DE ALGODRES)

*Domingos J. da Cruz **
*Ana Maria Leite da Cunha ***
*Luís Filipe C. Gomes ****

1 - INTRODUÇÃO

A *Orca* ou *Casa da Orca* de «Corgas da Matança» é um importante monumento megalítico. Conhecido de há muito, foi classificado em 1961 como Imóvel de Interesse Público ⁽¹⁾.

Em 1988, no âmbito do programa «Valorização do Património Megalítico», desenvolvido pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, realizaram-se neste monumento trabalhos arqueológicos, dirigidos pelos autores, que tinham por objectivo, por um lado, a valorização do património local - indo de encontro ao interesse manifestado, nesse sentido, pela Câmara Municipal de Fornos de Algodres - por outro, a consolidação e restauro das estruturas megalíticas, a definição de uma área de protecção - que impedisse a utilização agrícola dos terrenos que lhe são imediatamente adjacentes -, bem como a sua sinalização e o arranjo dos acessos.

Ao nível científico interessava averiguar o significado dos dois fragmentos de esteios existentes à entrada do dólmen - e, bem assim, da existência, ou não, de um corredor de acesso - e o levantamento das gravuras patentes em alguns dos seus esteios. A realização da planta e vistas em secção do monumento eram também imperiosas, bem como o estudo do espólio de escavações antigas, depositado no Museu Nacional de Arqueologia.

Tais trabalhos foram possíveis conjugando a colaboração de diferentes instituições, nomeadamente do Instituto Português do Património Cultural e do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro ⁽²⁾, que autorizaram e subsidiaram os trabalhos - além de prestarem apoio técnico -, da Câmara Municipal de Fornos de Algodres ⁽³⁾ - que financiou grande parte das despesas, fornecendo equipamentos, materiais e mão-de-obra -, e do Museu Nacional de Arqueologia, que autorizou o estudo do espólio que se encontra à sua guarda ⁽⁴⁾.

* Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra

** Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro

*** Gabinete de História e Arqueologia de Viseu

⁽¹⁾ Dec.-Lei n.º 44075, de 5 de Dezembro de 1961.

⁽²⁾ Agradecemos, muito particularmente, a colaboração por José Luís Madeira e José Augusto Alves Dias, do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, nos levantamentos de campo - e sua finalização em gabinete - e no desenho do espólio, tanto o exumado durante os trabalhos como o depositado no Museu Nacional de Arqueologia.

⁽³⁾ Devemos aqui manifestar, e enaltecer, a prestimosa colaboração e empenhamento da Autarquia, nas pessoas do seu Presidente, Prof. José Felício da Costa, e Vereador da Cultura, Dr. José Soares Miranda. De facto, o restauro deste monumento implicou a utilização de equipamentos nem sempre disponíveis e só um grande espírito de colaboração tornou possível a conclusão dos trabalhos, quiçá em detrimento, ainda que momentâneo, de outros.

⁽⁴⁾ Uma palavra de apreço é devida ao Dr. Francisco Soares Alves, Director do Museu Nacional de Arqueologia, que desde o início colaborou neste projecto, ora cedendo documentação inédita, ora autorizando o estudo e desenho dos materiais recolhidos neste monumento por J. Leite de Vasconcelos.

2 - HISTÓRIA DAS PESQUISAS

As mais antigas referências à *Orca de Corgas da Matança*, embora imprecisas, encontram-se na dissertação de Martinho Mendonça de Pina apresentada à Academia Real da História Portuguesa, em 30 de Julho de 1733 [PINA, 1733:2], mais tarde reproduzidos por F. A. Pereira da Costa [COSTA, 1868:87] e A. Pinho Leal [LEAL, 1875:126]. No entanto, nenhum destes autores visitou o monumento: Mendonça de Pina menciona-o por informação, e os dois restantes reportam-se ao texto daquele.

Nos finais do século XIX, José Leite de Vasconcelos, numa das suas primeiras digressões pela Beira ⁽⁵⁾, visita vários monumentos e sítios arqueológicos do concelho de Fornos de Algodres, nomeadamente a *Orca de Corgas da Matança* [VASCONCELOS, 1927], que explora, tendo recolhido algum espólio, mais tarde depositado no Museu de que era Director, então designado Museu Etnográfico Português.

Os trabalhos de J. Leite de Vasconcelos desenrolaram-se em apenas dois dias (21 e 22 de Agosto de 1896), terminando no segundo dia «pela manhã» [VASCONCELOS, 1927:137]. Esta intervenção permitiu-lhe a recolha de duas placas de granito (6), interpretadas como tampas de vasos, 5 fragmentos cerâmicos, grosseiros, e um cristal de quartzo, em forma de núcleo [VASCONCELOS, 1897:111§76; *id.* 1927:138; MOITA., 1966:270]. Adquiriu também um machado de pedra polida que terá sido encontrado em «uns campos próximos» ao monumento [VASCONCELOS, 1987:111; *id.* 1927:143].

Além da escavação realizou ainda a planta do monumento, que não chegou a publicar, fazendo hoje parte dos documentos inéditos deste investigador, depositados no Museu Nacional de Arqueologia.

As observações de Leite de Vasconcelos são, no entanto, interessantes. Segundo os relatos deste investigador, já nos finais do século passado a *Orca de Corgas da Matança* se apresentava no meio de um campo agricultado, sem mamoa e, também, como aponta mais adiante, «não tinha corredor, constava somente de câmara» [VASCONCELOS, 1927:138].

Pela planta que então levantou (Fig. 1) se verifica também que o monumento apresentava já, à entrada, dois fragmentos de esteiros (a e c), mais tarde interpretados por Irisalva Moita como pertencentes ao corredor [MOITA, 1966:269], um longo esteio (b), no interior da câmara, e um esteio (ou fragmento), no exterior, próximo da laje de cabeceira; contudo, não referencia - talvez por o não ter detectado - o esteio que ladeia a laje de cabeceira pelo lado sul, seccionado próximo da base, representado por Irisalva Moita na sua planta [*id.*, *ibid.*: 270] (Fig. 2).

Durante a primeira metade deste século outros autores se referem aos monumentos megalíticos do concelho de Fornos de Algodres, nomeadamente ao dólmen de Corgas da Matança, normalmente citando os trabalhos de Mendonça de Pina, Pereira da Costa ou Leite de Vasconcelos. É o caso de Mons. Pinheiro Marques, na sua monografia sobre as *Terras de Algodres* [MARQUES, 1988:43 e 309], António de Almeida [ALMEIDA, 1942: 235], José Coelho [COELHO, 1948: fig. 9], Russell Cortez [CORTEZ, 1952: est. VI] e Barros Leite [LEITE, 1965: 33], publicando, por vezes, registos fotográficos.

Neste período o monumento é também visitado pelos investigadores Georg e Vera Leisner, do Instituto Arqueológico Alemão (CATÁLOGO, 1987: 13] que, mais tarde, o incluem no inventário do seu trabalho de síntese sobre o megalitismo da área ocidental da Península Ibérica, classificando-o como um dólmen de corredor com câmara de planta poligonal larga [LEISNER & LEISNER, 1956: est. 77].

Uma última referência à *Orca de Corgas da Matança* é feita por Irisalva Moita num trabalho sobre o megalitismo da Beira Alta, realizado em 1955 mas publicado cerca de 10 anos depois. Esboça, à vista, a sua planta (Fig. 2), que publica com uma descrição do monumento e referência ao espólio depositado no Museu Nacional de Arqueologia [MOITA, 1966: 269-270, est. V-2].

(⁵) Os relatos de diversos aspectos desta sua viagem foram publicados em alguns jornais regionais, nomeadamente na «Gazeta da Figueira», de Figueira da Foz (Set.^o e Out.^o de 1896) e em «A Folha», de Viseu (Jan.^o de 1902), mais tarde ampliados e publicados sob a forma de livro, intitulado *De terra em terra. Excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal* (vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1927).

(⁶) Segundo Leite de Vasconcelos - quando procedia ao inventário do espólio exumado - uma das placas ter-se-ia perdido [VASCONCELOS, 1897: 111, §76; *idem*, 1927: 138], mas é mais tarde referenciada por Irisalva Moita [MOITA, 1966: 270].

3 - CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A *Orca de Corgas da Matança* não se encontra isolada. Além de se integrar numa importante área megalítica, de que se destacam, pela sua proximidade, os dólmenes do Carapito, já no concelho de Aguiar da Beira [LEISNER & RIBEIRO, 1968], assinala-se ainda no concelho de Fornos de Algodres um outro monumento do mesmo tipo, situado na freguesia de Cortiçô e conhecido localmente por *Casa da Orca* [MOITA, 1966: 270-272] (Est. 1-1).

Este monumental dólmen implanta-se, imponente - dominando o extenso vale alimentado pela ribeira de Ludares (ou rib.^a de S. Domingos), afluente do Dão -, num pequeno «plateau» granítico, definido pela curva de nível dos 600 metros, no sítio de *Correão*, a cerca de 2,5 Km, para poente, da *Orca de Corgas da Matança*, e a NO da povoação de Cortiçô.

Trata-se de um dólmen de nove esteios, de câmara poligonal larga, tendencialmente rectangular, cuja laje de cabeceira mostra a peculiar característica de se apresentar ladeada por dois esteios, estreitos e altos, e corredor bem diferenciado da câmara, quer em altura como em planta, talvez constituído por dois esteios de cada lado, terminando junto à câmara por um esteio em forma de pilar [LEISNER & LEISNER, 1956: est. XV - 3; MOITA, 1966: 270-272].

A sua importância reside não só nas características tipológicas que evidencia, integrando-se num grupo de monumentos bem representado na região da Beira Alta (⁷), mas também no facto de alguns dos seus esteios ostentarem pinturas [LEISNER, 1934: 28 e 32; SHEE, 1981: 154, fig. 51], infelizmente já muito erodidas, e pelo espólio recolhido em antigas escavações (⁸).

Um terceiro monumento megalítico terá existido na área do concelho. De facto, José Coelho [COELHO, 1948: 282 e 294] refere-se a uma mamoa localizada nas proximidades da *Orca da Matança*, mas que já não foi possível identificar em recentes prospecções.

Do período, talvez pré-histórico, é ainda de mencionar um machado de pedra polida, recolhido por J. Leite de Vasconcelos nas proximidades de Infias, mas sem contexto arqueológico definido [VASCONCELOS, 1897: 108, §66; *id.*, 1927: 143], o povoado de *Monte do Castro de Santiago*, na freguesia de Figueiró da Granja, implantado - com uma excepcional posição topográfica - num esporão granítico sobranceiro aos vales da ribeira de Muxagata e do ribeiro do Relão (ou da Fonte Arcada) subsidiários do Mondego, cronologicamente integrável no período Calcolítico (⁹), e a espada curta, de lingueta desenvolvida, de cobre arsenical, encontrada em 1953 no sítio do *Pinhal dos Melos*, a NO da Quinta das Relvas [PAÇO & FERREIRA, 1957], e hoje depositada no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, que datará já de uma fase plena da Idade do Bronze inicial [RUIZ GÁLVEZ-PRIEGO, 1984: 229] (¹⁰).

Os vestígios arqueológicos de períodos posteriores (¹¹) são também significativos, destacando-se os que se relacionam com o processo de romanização da região [ALARCÃO, 1988:II(1), pp. 62-63, mapa 4a; CURADO, 1986; GOMES, 1988], bem como os sítios com

(⁷) Entre outros, são de referir a *Orca da Cunha Baixa*, no concelho de Mangualde [LEISNER & LEISNER, 1956: est. XV - 1; VILAÇA & CRUZ, 1990], a *Casa dos Mouros* de Carvalhal da Louça, no concelho de Seia [*id.*, *ibidem*, est. XV - 5; Moita, 1966: 265], a *Lapa do Repilau*, no concelho de Viseu [LEISNER & LEISNER, 1956: est. XIX - 4]. Sobre este tipo de monumentos, bem individualizado pelos Leisner, vejam-se sobretudo os volumes da monumental obra destes investigadores sobre o megalitismo da área ocidental da Península Ibérica.

(⁸) O espólio recolhido neste monumento [VASCONCELOS, 1897: 110, §72; MOITA, 1966: 271-272] é fundamentalmente constituído por três pontas de seta, em sílex - uma de base côncava, fragmentada na ponta (M.N.A. n.º 9323-B), e duas de base triangular (M.N.A. n.º 9323 - A e C) - e um pequeno machado de pedra polida, em rocha metamórfica, de contorno e secção transversal subtrapezoidais, gume convexo, assimétrico, muito polido no gume e apenas desbastado nas faces e nos lados, medindo 9 cm de comprimento, 3 cm de largura e 2,4 cm de espessura máxima; peso: 141,45g. (M.N.A. n.º 9322).

(⁹) A este importante povoado da Pré-história recente da Beira Alta se referia já Mons. J. Pinheiro Marques, na sua monografia sobre as *Terras de Algodres*, que ali recolheu algum espólio [MARQUES, 1988: 40 e ss.], e Russell Cortez, que visitou o sítio, tendo então realizado algumas sondagens (CORTEZ, 1952: 209, 227-228; *id.*, 1954: 180). Recentemente o estudo sistemático desta estação foi retomado por A. Carlos Valera e I. Alves Estevinha [VALERA & ESTEVINHA, 1989].

(¹⁰) Sobre este importante achado da Idade do Bronze vejam-se também as referências de M. Almagro Gorbea [1973:70-79] e André Coffyn [1985: 13, fig. 2-2].

(¹¹) Alguns outros sítios são, por vezes, mencionados como tendo tido uma ocupação pré-histórica. As prospecções realizadas na área do concelho de Fornos de Algodres, ainda que não sistemáticas, não permitiram a sua confirmação. Mencionam-se, a título de exemplo, a referência a uma mamoa nas proximidades da Capela do Anjo (Vila Ruiva) [LANDEIRO, 1968: 26; PEIXOTO, 1988: 136-138], o povoado do «Castelo» (Queiriz) [PEIXOTO, 1988: 109-110], onde existe um grande abrigo natural, mas sem vestígios de ocupação, o castro da «Senhora do Desterro» [MARQUES, 1988: 40], que já não se situará na área do Concelho, etc.

ocupação medieval, numerosos e de grande importância mas, em grande medida, desconhecidos por não terem ainda merecido um estudo exaustivo ⁽¹²⁾.

4 – LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO GEOGRÁFICO

A *Orca de Corgas da Matança* localiza-se no sítio de «Corgas», freguesia da Matança, concelho de Fornos de Algodres e distrito da Guarda (Fig. 3).

Tem as seguintes coordenadas geográficas (seg. a *Carta Militar de Portugal*, na escala de 1/25.000, fl. 180 - Aldeia-Nova, 1973):

Latitude - 40° 40' 04" Norte
 Longitude - 01° 35' 01" Este de Lisboa
 Altitude - 605 metros.

O acesso ao monumento faz-se pela estrada municipal que, de Fornos de Algodres, conduz à Matança; o monumento está implantado em terreno explorado agricolamente ⁽¹³⁾ (Est. I-2), distando cerca de 1,5 Km da sede da freguesia, e cerca de 300 metros, para norte, daquela via.

A área do concelho de Fornos de Algodres insere-se, do ponto de vista geomorfológico, no domínio dos Planaltos Centrais; encaixados entre a superfície de aplanamento da Meseta (cujo rebordo ocidental, no Norte da Beira, se pode definir pelo alinhamento tectónico *Vale da Vila-Longroiva-Fiães* [FERREIRA, 1978: 81-86], integrando-se do desligamento *Bragança-Unhais da Serra*) e as Montanhas Ocidentais (que compreendem a Serra de Montemuro, a série de relevos do denominado «Maciço da Gralheira» [RIBEIRO, *et alii*, 1943] e a Serra do Caramulo), separadas daqueles por vales de origem tectónica, no prolongamento da linha de fractura *Verin-Penacova*, caracterizam-se, fundamentalmente, por uma série de relevos bastante movimentados (contrastando com a regularidade da Meseta) e uma complexa rede hidrográfica e interflúvios aplanados com, por vezes, reduzidos níveis de aplanamento situados a diferentes altitudes [FERREIRA, 1978:87].

Mais restritamente a região é marcada pela ampla bacia hidrográfica do rio Mondego, e do seu afluente da margem esquerda, o Dão, que correm no sentido NE-SO, e cursos de água subsidiários destes. Destacam-se os afluentes do Mondego - Muxagata e Cortiçô -, que ocupam vales de fractura muito profundos, correndo seg. a direcção NNE-SSO e, nas designadas *Terras Altas*, o rio Carapito e a ribeira de Ludares, afluentes do Dão, correndo segundo a direcção NE-SO, em vales abertos.

A *Orca de Corgas da Matança* situa-se no amplo vale da ribeira de Ludares, que nasce nos montes sobranceiros às povoações de Algodres e de Cortiçô, contornando, pelo sul, os relevos residuais do *Alto da Pena-Monte dos Matos*.

O substrato desta área, bem como de grande parte da Beira-Norte, é granítico, de idade hercínica, predominando os granitos calco-alcalinos, biotíticos, de textura, em geral, porfiróide ⁽¹⁴⁾.

5 – DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

5.1. Metodologia e resultados da escavação

Após a limpeza do terreno, com o corte da vegetação existente na área circundante do monumento, procedeu-se à sua quadriculagem, segundo o Norte magnético. A área a interencionar

⁽¹²⁾ Leite de Vasconcelos menciona alguns sítios do período medieval [VASCONCELOS, 1919-20]. O importante cemitério rupestre de Forcadas (Matança) foi recentemente proposto para classificação como Imóvel de Interesse Público e será, em 1990, alvo de um trabalho de levantamento e valorização - a realizar no âmbito das actividades do Serviço Regional de Arqueologia, com a colaboração da Câmara Municipal de Fornos de Algodres -, esperando-se que tal acção seja apenas o início dos estudos de História e de Arqueologia medieval no Concelho.

⁽¹³⁾ O terreno é propriedade do Sr. Francisco Veloso, a quem agradecemos a colaboração e facilidades concedidas.

⁽¹⁴⁾ Sobre a geomorfologia da região, aqui meramente esboçada, é útil a consulta da *Carta Geológica de Portugal*, na esc. de 1/500.000, Lisboa, Serv. Geológicos de Portugal, *Carta Geotectónica, Região das Beiras, Portugal*, na esc. de 1/250.000, Lisboa, J. de Energ. Nuclear, 1968, *Carta Tectónica de Portugal*, na esc. de 1/100.000, Lisboa, Serv. Geol. de Portugal, 1972, etc.

ficou, assim, definida por um rectângulo medindo 10m por 6 metros, subdividida em quadrados de 2 metros de lado (Fig. 4).

A câmara dolménica inseria-se, essencialmente, nos quadros B3-B4 e C3-C4, enquanto que a área fronteira, correspondente à entrada e onde se localizavam os dois fragmentos de esteios do «corredor» (seg. a interpretação de I. Moita), se dispunham nos quadrados B2 e C4.

A área da câmara (B3-B4 e C3-C4) bem como os quadrados B2 e C2, foram totalmente escavados; no sentido de se averiguar a extensão da estrutura de pedras que surgia adossada aos esteios da entrada do dólmen foi também escavado o quadrado D3 *c* e *d*.

A fase inicial dos trabalhos de escavação (Fig. 5; Est. II - 1) permitiu a definição do contexto dos dois fragmentos de esteios situados à entrada da câmara dolménica: no lado sul, um fragmento de esteio com quatro insculpturas do tipo «covicha» que, pelas suas dimensões e forma, corresponderá à parte superior de um esteio; no lado norte, um outro fragmento, medindo cerca de 2m de altura, assente directamente sobre o areão de base, e que terá sofrido, com a queda, uma ligeira deslocação para NE, comprimindo as pequenas pedras que formavam o contraforte que lhe estava adossado.

Retirado o fragmento 1 (muito provavelmente o fragmento *c* da planta levantada por J. Leite de Vasconcelos), e reerguido o fragmento de esteio I (a?), pois se encontrava sensivelmente no sítio original, o prosseguimento da escavação revelou a existência de um novo ortostato, medindo 4m de comprimento e 80-90cm de largura, disposto longitudinalmente no interior e no exterior da câmara funerária (esteio A; fragmento *b* de J. L. Vasconcelos). No interior da câmara foi recolhido um último fragmento (2), mais tarde identificado como a parte superior da laje de cabeceira (E).

A escavação da câmara revelou, na sua área central, uma fossa de violação profunda (cerca de 1,50m) e, no sector da entrada, quer no lado sul (B2), quer no lado norte (C2), uma estrutura em pedras, de tamanho pequeno e médio - correspondendo aos vestígios do contraforte (Fig. 6; Est. II - 2) do monumento -, muito bem conservada no sector norte, como se verificou com a escavação de parte do quadrado D2, mais desconexa e misturada com terras negras, muito carbonosas, embora compactas, no sector sul, contrastando com as terras originais subjacentes, castanho-amareladas, arenosas.

Com o objectivo de averiguar o significado destas terras, foi escavada esta área, procedendo-se ao levantamento das pedras que formavam o contraforte. Esta escavação revelou uma fossa, de contorno irregular, pouco profunda, onde foram recolhidas, em pontos distintos, três amostras de madeira carbonizada ⁽¹⁵⁾.

Os trabalhos desenvolvidos na *Orca de Corgas da Matança*, e consequentes levantamentos em planta e secção (Fig. 6), evidenciaram uma câmara de grandes dimensões - cujos esteios mediam, em média, 3,90m de altura -, fortemente enterrados no solo original, com excepção do esteio I, situado à entrada, tombado.

O monumento foi construído em área de veiga, sobre terrenos arenosos, muito permeáveis e ricos em água, sendo de admitir que os seus esteios tenham sofrido ao longo do tempo - por força do seu peso e do da laje de cobertura - um lento afundamento, porquanto a fossa de violação existente no seu interior e o buraco de assentamento do esteio A evidenciou a existência de um importante lençol de água; por outro lado, a profundidade do buraco de assentamento deste esteio não era suficiente para a sua implantação, tendo sido necessário aprofundá-lo. Assim sendo, será de admitir que o monumento, originalmente, fosse ainda mais imponente do que se apresenta hoje.

Trata-se de um dólmen aberto, de câmara poligonal, constituído por nove esteios, sobrepostos, com a entrada orientada a SSE. Não foram, entretanto, detectados quaisquer vestígios do corredor de acesso (fragmentos de esteios, fossas de assentamento, ou contraforte) em toda a área fronteira, como se verificou com a escavação dos quadrados B2 e C2. A pouca profundidade (cerca de 40cm) surgia o areão de base, sem outros vestígios.

Neste contexto é de referir a existência de uma pedra, paralelepípedica, seccionada na parte superior, integrada perifericamente na estrutura de pedras que constituía o contraforte na área norte (Fig. 6; Est. II-2); a sua situação, no entanto, é diversa deste pois a sua base encontrava-se ao nível da do esteio I, tendo, por isso, sido ligeiramente enterrado no solo original,

⁽¹⁵⁾ Submetidas à análise radiocarbónica forneceram os seguintes resultados: amostra n.º 1 - ICEN-480: 1140±60 anos BP; amostra n.º 2 - ICEN-481: 1120±60 anos BP; amostra n.º 3 - ICEN-482: 1170±60 anos BP. As data obtidas são estatisticamente idênticas, reportando-se a um contexto de remeximento do período medieval, podendo, talvez, relacionar-se com alguns fragmentos cerâmicos com características medievais recolhidos nesta área do monumento. É provável também que esta antiga violação corresponda ao derrube e tentativa de fragmentação do esteio A.

desenvolvendo-se o contraforte a um nível superior, cerca de 50cm relativamente à base desta pedra.

Poderá ser um elemento desta construção - embora de dimensões maiores e de configuração mais regular - ou, com mais verosimilhança, a base de um pilar, relacionando-se com uma possível estrutura de acesso.

5.2. Restauro e valorização

As estruturas megalíticas do monumento foram consolidadas com a construção de uma base de sustentação, feita em pedra, gravilha e cimento, preenchendo-se a fossa de violação até ao nível da terra arenosa que se detectou à entrada.

Os trabalhos de restauro consistiram na identificação dos vários fragmentos de esteios retirados do interior e exterior do dólmen, com a reconstituição dos esteios fragmentados, utilizando-se, para o efeito, ferros de ligação («gatos») e cimento para consolidar as facturas (Figs. 7 e 8; Est. III-2).

O esteio A, com 4 metros de comprimento, pertence, evidentemente, à câmara; a sua disposição, no interior e exterior do dólmen, que parece corresponder ao esteio assinalado por José Leite de Vasconcelos, indicava tratar-se do primeiro esteio do lado sul. Não foi possível, contudo, determinar com exactidão a sua base de assentamento original, pois esta apresentava-se bastante alargada, fosse por acção da sua queda, ou de remeximentos.

O monumento terá sofrido sucessivas violações, nomeadamente na Idade Média - face a um fragmento do bordo de um vaso cerâmico feito a torno, encontrado nas terras negras do quadrado B2, e aos resultados das datações de Carbono 14 - e, em momento que não é possível determinar, a tentativa de fragmentar este esteio em três partes, como é visível pelo conjunto de seis buracos de aplicação de guilhos.

O fragmento retirado do interior da câmara (2) correspondia, sem qualquer dúvida, à parte superior da laje de cabeceira, tendo também sofrido, como o esteio A, mutilações no sentido da sua fractura.

O fragmento do esteio I, com cerca de 2 metros de altura, correspondia ao primeiro esteio do lado norte. Encontrava-se superficialmente enterrado no areão de base e terá sofrido uma deslocação ocasionada pelo seu derrube; foi recolocado no provável sítio original; não foi, por outro lado, encontrado o fragmento da parte superior.

O fragmento de esteio I corresponderá, muito provavelmente, ao topo do esteio D, que estava *in situ* mas fragmentado ao nível da base (Fig. 7, vista seg. A-A'). José Leite de Vasconcelos indica, nesta área mas no exterior da câmara, um grande fragmento, deslocado e disposto horizontalmente (Fig. 1), que poderá relacionar-se com este esteio, mas que não foi possível localizar. Será, no entanto, de admitir que o fragmento agora encontrado possa também corresponder a outro elemento pétreo do monumento, nomeadamente à laje que fecharia a parte superior da entrada do dólmen.

Durante os trabalhos não foi também localizado o fragmento da parte superior do esteio G (Fig. 7, vista seg. B-B').

O dólmen é coberto por uma laje de grandes dimensões, de contorno aproximadamente rectangular, medindo cerca de 40cm de espessura máxima, apoiando-se nos esteios B, C, F e H. Apresenta uma fractura superficial, já assinalada nos anos 40 [COELHO, 1948:249], desde a periferia até, aproximadamente, à sua parte central.

A completa valorização da *Orca de Corgas da Matança* implica um conjunto de acções - que compreendem a aquisição do terreno pela Autarquia, a implantação de uma vedação rústica, em troncos de madeira, o arranjo do caminho de acesso, a partir da estrada municipal Fornos de Algodres - Matança, num troço de cerca de 300 metros, a sua sinalização e a implantação de uma placa explicativa, de fácil leitura, que elucide o visitante sobre as suas características, funcionalidade, período histórico, etc. - já concretizadas ou em execução pela Câmara Municipal de Fornos de Algodres e pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro.

6 - AS GRAVURAS

O dólmen de Corgas da Matança possui insculpturas em dois dos seus esteios: na laje de cabeceira (F), ao nível da base, no lado esquerdo, foi gravada uma figura serpentina, de sulcos largos e

pouco profundos (com secção em U), obtida por picotagem e abrasão; o segundo esteio do lado direito (B) apresenta-se totalmente insculturado (Est. III-1).

Destas figurações foi realizado um primeiro levantamento, utilizando-se o método contrastante designado «bicromático», mas o estado de conservação do esteio B, que se mostra francamente erodido, bem como a complexidade dos motivos, obrigam à realização de outros levantamentos e ulterior estudo, pelo que aqui apenas se da notícia da sua existência.

O fragmento de esteio que se encontrava à entrada do dólmen (1), no lado sul, apresentava também gravuras, do tipo «cavinha», na sua face exterior (Fig. 5).

De qualquer modo estas gravuras enriquecem grandemente o *corpus* da arte megalítica peninsular, no qual a Beira Alta tem um lugar de destaque [SHEE, 1981].

Não foram detectados quaisquer vestígios de pinturas.

7 - O ESPÓLIO

Durante os trabalhos de escavação realizados em 1988 foi recolhido o espólio seguinte ⁽¹⁶⁾:

1 micrólito geométrico, de sílex castanho-claro, fragmentado na extremidade da «ponta maior» e lascado na base maior; trata-se de um trapézio assimétrico, com a truncatura maior alongada [G. E. E. M., 1969], secção subtriangular e retoques marginais e abruptos, nas truncaturas e na base pequena; mede 32mm de comprimento, 10mm de largura e 3mm de espessura; prov. quad. C4. N.º de inv. - 1. (Fig. 9-1).

1 ponta de seta, de sílex castanho-escuro, fragmentada ao nível médio do corpo e na base; corpo alongado, de bordos convergentes, rectilíneos; base côncava; retoque plano, invasor, irregular e bifacial; secção lenticular; índice de espessura alteado; mede ± 67mm de comprimento, 15mm de largura e 2mm de espessura; prov.: quad. C3. N.º de inv. - 2. (Fig. 9-2).

1 ponta de seta, de sílex acinzentado, levemente fragmentada na extremidade distal; corpo curto, de bordos convergentes, rectilíneo no lado esquerdo e convexo no lado direito; base côncava, com aletas; retoque plano, irregular, marginal e bifacial; secção elíptica; índice de espessura alteado ⁽¹⁷⁾; mede 15mm de comprimento, 22mm de largura e 3mm de espessura; prov.: quad. C3. N.º de inv. - 3. (Fig. 9-3).

1 conta de colar, de anidrite (var. de gesso), de cor cinzento-esverdeada e brilho ceroso; forma subprismática (decágono), rematada nas extremidades com pequenas facetas que estabelecem a transição para as faces de topo, que são planas; superfícies polidas; perfuração regular, sub-cilíndrica, descentrada relativamente às superfícies das extremidades; mede 29mm de altura e 11mm de largura; o diâmetro da perfuração é de 6mm; prov.: quad. C4. N.º de inv. - 4. (Fig. 9-4).

1 ídolo, de azeviche, fragmentado no lado direito ao nível médio e superior; forma subparalelepipedica - estreitando na parte superior -, genericamente antropomórfica, com entalhes (dois no lado esquerdo, um no anverso e vestígios de um outro no lado direito); os lados e a face são polidos; mede 31mm de altura, 14 e 9mm de largura, respectivamente na base e na extremidade superior, e 10mm de espessura; prov. - terras da câmara (peneiração). N.º de inv. - 8. (Fig. 9-5; Est. IV-3).

1 objecto de pedra polida, de anfíbolito, fragmentado longitudinalmente; apresenta gume duplo e simétrico e fio de gume, muito provavelmente, convexo; superfícies corroídas, com vestígios de polimento no gume; apresenta, na parte média, uma chanfradura transversal. Tratar-se-á, possivelmente, do fragmento de um *machado de pedra polida*; mede 11cm de comprimento, 1,2-0,9cm de largura e 3,8cm de espessura; prov. - terras da câmara (peneiração). N.º de inv. - 9. (Fig. 9-9).

Nas terras da câmara foram recolhidos dois *fragmentos cerâmicos, decorados com incisões*, pouco profundas e largas, dispostas em «espinha». Terão pertencido ao mesmo vaso, cuja pasta, grosseira, incluía como desengordurante grãos de quartzo e palhetas de mica, de calibre médio e fino; as superfícies, castanho-escuras, são polidas, embora a exterior se mostre mais

⁽¹⁶⁾ Agradecemos ao Dr. A. Huet Bacelar Gonçalves, do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, a colaboração prestada na identificação, por análise macroscópica, das matérias-primas dos artefactos descritos.

⁽¹⁷⁾ Sobre a caracterização morfotécnica de artefactos de pedra lascada, nomeadamente de pontas de seta, veja-se LAPLACE (1964), BRÉZILLON (1971) e JORGE (1978).

áspera; as fracturas têm cor desigual: negra, no núcleo, e alaranjada junto às superfícies. N.º inv. - 5 e 6. (Fig. 9-6 e 7; Est. V-2).

Da câmara provém o fragmento de um *elemento móvel de moinho manual*, de quartzito; tem forma sub-retangular e secção oval, com as superfícies polidas, uma das quais é plana; mede 8,5cm de comprimento, 7cm de largura e 4cm de espessura. N.º inv. - 10. (Fig. 9-10).

Um fragmento de bordo (N.º inv. - 7), com arranque de asa, de cariz medieval, de pasta acinzentada, friável, e desengordurante médio e fino, com predomínio deste último (micas) (Fig. 9-8), foi recolhido na fossa de violação preenchida com terras negras do quadrado B2, bem como lamelas e esquírolas de sílex e um pequeno fragmento de um artefacto metálico. Trata-se de uma folha de cobre, provavelmente arsenical, recurvada num dos lados, medindo 15mm de comprimento e 11mm de largura máxima⁽¹⁸⁾. N.º inv. - 11.

Por fim, nas terras revolvidas da câmara foram recolhidos dois *cristais* de quartzo hialino, um pequeno *seixo rolado*, achatado, de contorno subcircular, de quartzito esbranquiçado e um *fragmento de núcleo*, em sílex castanho-escuro, com negativos de levantamentos. N.ºs inv. - 12 a 15.

Do espólio existente no Museu Nacional de Arqueologia merece atenção:

1 *enxó* (19), de anfíbolito, de cor acinzentada, polida no gume e, parcialmente, nas faces; os lados e o talão, e algumas áreas das faces foram apenas desbatadas; tem forma subtrapezoidal, bordos convergentes, convexos; gume simples, plano; fio de gume convexo e simétrico, ligeiramente esboroadado; secção transversal oval; talão largo, arredondado, levemente fragmentado; mede 10,6cm de comprimento, 5,6cm de largura e 3,3cm de espessura; pesa 298 grs. (Fig. 9-10);

5 *fragmentos cerâmicos*, provavelmente pertencentes ao mesmo vaso; forma aberta, em calote de esfera; bordo de extremidade plana, horizontal; pasta muito grosseira, de textura compacta, com desengordurante de médio e grande calibre, constituído à base de quartzo, feldspato e micas; superfícies de cor acastanhada; a exterior é alisada, mas com algumas áreas deterioradas, e a interior muito rugosa; fracturas de cor negra (M. N. A. n.º 9327-A a E) (Fig. 9-11);

1 *placa de granito*, de contorno aproximadamente circular (em forma de disco), com uma face aplanada, opondo-se-lhe uma superfície mais rugosa e convexa; mede cerca de 10,5cm de diâmetro e 3cm de espessura na parte central (M. N. A. n.º 9326-A);

1 *cristal* de quartzo hialino, fragmentado, com vestígios de ter sido utilizado como núcleo (M. N. A. n.º 9328).

8 - ENQUADRAMENTO REGIONAL E CRONOLÓGICO-CULTURAL

A *Orca de Corgas da Matança* apresenta características tipológicas e de implantação que são comuns à generalidade dos monumentos megalíticos da região em que se insere - a Beira Alta - e áreas limítrofes.

O monumento foi construído no rebordo de um vale aberto, de ampla visibilidade, afastado das superfícies acidentadas e muito erosionadas da linha de relevos *Monte dos Matos - Alto da Pena*, que lhe são próximos; pedologicamente insere-se numa área de *cambissolos dísticos*, predominantemente ácidos, variando entre 4,6 e 5,5 de pH⁽²⁰⁾; muito arenosos, são genericamente classificados na classe C, permitindo uma utilização agrícola condicionada⁽²¹⁾, tal como, aliás, se regista hoje com a prática de uma agricultura de sequeiro.

Embora a construção de monumentos megalíticos em «plateaux» elevados seja mais comum - como é o caso do dólmen de Cortiçô, que se situa a escassos 2,5 Km da Orca da Matança - não é também invulgar a escolha de sítios amplos, mas de tipo veiga, como se assinala nos monumentos do grupo de Carapito - na mesma área geográfica, mas já no concelho de Aguiar da

(18) Em análise no Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares, do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, cujos resultados se aguardam.

(19) M. N. A. n.º 9328. Esta peça, como já antes referimos, foi adquirida por J. Leite de Vasconcelos, em 1896, como procedente das imediações do monumento, quando realizava a sua exploração [VASCONCELOS, 1897:111; *id.*, 1927:143].

(20) Cfr. *Atlas do Ambiente, Carta dos Solos*, na escala de 1/1.000.000. fl. III-1, Lisboa, Comissão Nacional do Ambiente, 1978. *Idem, Carta de Acidez e Alcalinidade dos Solos*, fl. III-2, Lisboa, Comissão Nacional do Ambiente, 1980.

(21) Cfr. *Atlas do Ambiente. Carta de Capacidade de Uso do Solo*, na escala 1/1.000.000, fl. III-3, Lisboa, Comissão Nacional do Ambiente, 1982.

Beira - e, no Norte de Portugal, com grande parte dos megálitos que constituíam a vasta necrópole da Serra do Alvão, no conc. de Vila Pouca de Aguiar [CRUZ, 1985].

No plano construtivo é de assinalar que os esteios que constituem o dólmen - atingindo alguns os 4 metros de altura - foram colocados em fossas abertas no solo para os receberem, afastando-se, neste aspecto, dos monumentos de corredor cujos ortostatos foram apenas pousados sobre o solo original - como é o caso da *Casa da Orca da Cunha Baixa*, no conc. de Mangualde [VILAÇA & CRUZ, 1990] - mas tal solução é semelhante à adoptada pelos construtores do *Dólmen 1 do Carapito*, cujas fossas, em alguns casos, ultrapassavam a profundidade de 1 metro [CRUZ & VILAÇA, 1990].

Estes elementos pétreos dispunham-se, por outro lado, apoiados na laje de cabeceira - a verdadeira pedra-mestra do edifício megalítico -, sobrepostos sucessivamente, prestando ao espaço dolménico uma configuração poligonal, elevando-se em tronco de pirâmide. Ao nível da base, exteriormente, seriam sustentados por um contraforte feito com pedras, predominantemente pequenas.

Estamos, de facto, em presença de um dólmen de 9 esteios, com uma câmara poligonal larga, medindo 4m de largura, 3,20m de comprimento e 3m de altura, afastando-se dos monumentos com câmaras poligonais alongadas.

O estado de conservação do monumento não permitiu a definição do tipo de acesso à câmara funerária, bem como as dimensões e características do *tumulus*; apenas a existência da base de um possível pilar se poderá relacionar com a primeira destas estruturas.

O monumento poderá ter possuído um corredor curto, terminando, talvez, por um esteio em forma de pilar, como se assinala, por exemplo, na *Pala da Moura* (Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Ansiães), no Norte de Portugal, ou outro, mas cujos vestígios não foram detectados durante os trabalhos realizados na área correspondente à entrada, numa extensão de 4 metros.

A este respeito devemos referir a diversidade manifestada pelos monumentos de grandes dimensões da Beira Alta, ora apresentando um corredor longo (*Lapa do Repilau e Mamoá do Fojo*, Couto de Cima, Viseu; *Mamaltar de Vale de Fachas*, Rio de Loba, Viseu; *Orca da Cunha Baixa*, Mangualde; *Orca dos Juncais*, Queiriga, V. N. de Paiva; etc.), ora corredores curtos ou de dimensão média (*Orca de Pendilhe*, Vila Nova de Paiva; *Orca de Cortiçô*, Fornos de Algodres; *Lapa da Pedra de Orca* ou *Penedo dos Mouros*, Rio Torto, Gouveia; *Orca de For*, Sátão; *Dólmen 1 da Lameira de Cima*, Antas, Penedono; etc.) - tanto quanto o seu estado de conservação, sem escavação, nos permite assegurar -, ou uma antecâmara, de tipo «vestíbulo», como é o caso do *Dólmen 2 de Lameira de Cima* (Antas, Penedono). De outros, alguns também de grandes dimensões, não se conhecem perfeitamente as estruturas que permitiam o acesso à câmara dolménica (*Pedra de Arca*, Paranho de Arca, Oliveira de Frades; *Casa dos Moiros*, Carvalhal da Louça, Seia) e, embora de dimensões mais modestas, a *Anta de Pera de Moço* (Guarda) [LEISNER & LEISNER, 1966; MOITA, 1966; GONÇALVES, 1989; CARVALHO & GOMES, 1989 e 1990; CRUZ & CUNHA, 1990; etc.]

Tal diversidade é, aliás, também observável ao nível das câmaras, predominantemente poligonais, alargadas umas, alongadas outras, de tendência rectangular, circular, etc., sem que seja possível, no estado actual da investigação do «fenómeno» megalítico da região, inferir desta variedade significados de ordem cronológica, cultural, ou outros.

A escavação recente do *Dólmen 1 do Carapito*, tal como já havia sido assinalado na década de 60, não evidenciou também vestígios de um corredor proporcional às dimensões do monumento, embora se insira num grupo de megálitos com corredores desenvolvidos - ainda que muito baixos - cuja escavação proporcionou espólios que se enquadram no mesmo ambiente cultural [LEISNER & RIBEIRO, 1968]. *Carapito 1* poderá ter tido uma estrutura de acesso mas, tal como no dólmen da Matança, os escassos, ou completamente inexistentes vestígios, não nos permitem defini-la com rigor.

A monumentalidade da *Orca de Corgas da Matança* está de acordo com a valorização do seu espaço interior com insculturas, registadas em dois dos seus esteios, manifestação que ocorre sobretudo em dólmenes de grandes dimensões - raramente os pequenos dólmenes poligonais, fechados ou abertos, são decorados - integrando-se no círculo de monumentos pintados e gravados da Beira Alta e do Noroeste Peninsular [SHEE, 1981], com alguns prolongamentos para leste [DELIBES DE CASTRO & SANTONJA, 1986b: 187] e para a área ocidental das Astúrias, de que se destacam os dólmenes pintados de *Santa Cruz*, em Cangas de Onís (Oviedo) e de *Penausén 1* (Salas) [SHEE, 1981: 143, fig. 14; BLAS CORTINA, 1980: 82-85].

O espólio exumado não é numeroso. Estranhamente também Leite de Vasconcelos recolheu um parquíssimo mobiliário que, se por um lado se deverá à metodologia utilizada, por outro pode traduzir as sucessivas violações que o monumento terá sofrido desde longa data, e que o artefacto de pedra polida adquirido por aquele investigador como proveniente as imediações do monumento parece atestar.

Apesar disso é qualitativamente significativo. Cabe destacar a presença de um micrólito, do tipo trapézio assimétrico, de truncatura maior alongada, e que poderá corresponder à fase inicial de utilização deste sepulcro colectivo.

Na Beira Alta parece de facto desenhar-se um primeiro momento de construção de dólmenes desenvolvidos que se identifica com um mobiliário constituído por micrólitos, predominantemente trapezoidais, lâminas, machados de pedra polida - alguns de carácter vótico - objectos de adorno, etc. Esta indicação é testemunhada pelas tumulações da camada inferior do *Dólmen 1 do Carapito* [LEISNER & RIBEIRO, 1968], com uma cronologia absoluta que aponta para os inícios do 3.º milénio a. C. ⁽²²⁾, bem como da *Orca da Cunha Baixa*, um monumento de grandes dimensões, de corredor longo, cujas tumulações primárias seriam acompanhadas por um espólio semelhante (micrólitos e lâminas) [VILAÇA & CRUZ, 1990].

Fora da região tal situação também é observável, nomeadamente no túmulo não megalítico de *El Miradero* (Villanueva de los Caballeros, Valladolid), que apresenta um nível inicial de utilização situável nos finais do 4.º milénio a. C. ⁽²³⁾ e um espólio semelhante ao de Carapito 1, apenas acrescido de punções de osso [DELIBES DE CASTRO, *et alii*, 1985: 33-34; DELIBES DE CASTRO & SANTONJA, 1986a: 145 e ss.; DELIBES DE CASTRO, *et alii*, 1987:183-184, fig. 1), registando-se a completa ausência de pontas de seta.

Este elemento do mobiliário megalítico, tão comum nos dólmenes de corredor da Beira Alta, poderá ligar-se, no entanto, a um momento ulterior - de construção e de reutilização - integrando conjuntos artefactuais mais tardios mas que poderão ainda apresentar elementos considerados «arcaizantes», como os micrólitos ⁽²⁴⁾.

As duas pontas de seta exumadas na *Orca de Corgas da Matança*, ambas de base côncava pouco pronunciada, uma de corpo alongado e outra de corpo curto, apontam para um momento avançado da utilização deste sepulcro. O pequeno ídolo de azeviche, bem como os fragmentos de um vaso cerâmico com decoração incisa e, talvez, a conta tubular de anidrite, poderão fazer parte deste conjunto porquanto são também materiais que normalmente surgem em contextos calcolíticos ⁽²⁵⁾.

As pontas de seta de base côncava são características da área meridional da Península Ibérica, fazendo parte tanto de mobiliários sepulcrais - dólmenes, sepulturas de tipo «tholos» e, na Estremadura portuguesa, também em sepulturas colectivas escavadas na rocha - como habitacionais. Encontramo-las bem representadas na região do SE [LEISNER & LEISNER, 1943] e do SO - sendo exclusivas nos dólmenes de *El Pozuelo* e de *La Zarcita*, na província de Huelva [CERDÁN MÁRQUEZ, LEISNER & LEISNER, 1952: 76-8] -, como nos monumentos de grandes dimensões e de corredor do Alto Alentejo [LEISNER & LEISNER, 1951: 60] e nos povoados

⁽²²⁾ A camada inferior deste monumento foi datada pelo processo de Carbono 14. As duas amostras de madeira carbonizada analisadas forneceram os seguintes valores: 4850±40 anos BP (GrN-5110), para a base da câmara, e 4590±65 anos BP (Hv-n.º?), relativo a um nível da mesma camada mas ligeiramente superior. Cfr. ALMAGRO GORBEA, 1970: 19; KALB, 1981: 73; *id.*, 1987: 105. Estas duas datas não são estatisticamente idênticas - para um grau de probabilidade de cerca de 95% -, mas reportam-se ao mesmo contexto cultural [LEISNER & RIBEIRO, 1968; LEISNER 1970], nada autorizando a relacionar a data mais recente com o espólio, nomeadamente cerâmico, da 2.ª camada. No contexto da problemática interpretativa que é própria a este método de datação será de relevar o facto de as datações terem sido obtidas em laboratórios diferentes, a par da própria situação arqueológica de tumulações mais tardias, mas durante a fase inicial de utilização deste sepulcro.

⁽²³⁾ Esta cronologia advém da análise de duas amostras de madeira carbonizada: GrN-12100: 5115±35 anos BP e GrN-12101: 5155±35 anos BP. Cfr. DELIBES DE CASTRO, ALONSO DíEZ & ROJO GUERRA, 1987: 184.

⁽²⁴⁾ Será, no entanto, de ter sempre presente a perviência de certos elementos, líticos ou outros, particularmente nas zonas que revelam arcaísmos. A título de exemplo, e relativamente aos micrólitos, veja-se o trabalho de MUÑOZ SALVATIERRA que, para o País Basco, considera a Idade do Bronze o momento de maior desenvolvimento da indústria microlítica [1976: 143].

⁽²⁵⁾ Os primeiros momentos calcolíticos na Península Ibérica, não considerando as zonas mais retardatárias - como a orla cantábrica -, datam dos finais do 4.º milénio a. C. (*Cueva de Santiago Chica Cazalla, Cueva de Nerja, Lapa do Fumo, etc.*), prolongando-se, particularmente na área meridional, até aos princípios do 2.º milénio. Será também de frisar que no Norte de Portugal, na área de Trás-os-Montes ocidental, o início do período Calcolítico parece ser bastante antigo, situando-se na 1.ª metade do 3.º milénio a. C. [JORGE, 1986] e que o calcolítico inicial do sul não é marcado pela presença da ponta de seta de base côncava. Este tipo de artefacto surge, por exemplo, apenas nos estratos 4A e 4B do povoado de *Castillejos de Montefrío* (Granada), correspondente à fase III da ocupação deste sítio mais interior e montanhoso do SE, paralelizável com *Los Millares II* (Calcolítico recente, já com campaniforme marítimo).

calcolíticos de Vila Nova de S. Pedro [SAVORY, 1970] e Castro do Zambujal [SANGMEISTER & SCHUBART, 1981], Pedrão [SOARES & SILVA, 1975] e Castro da Rotura [SILVA, 1968-70: 31-44; GONÇALVES, 1971: 81], já na península de Setúbal, quer em nêveis campaniformes como pré-campaniformes.

Estão, no entanto, completamente ausentes dos contextos sepulcrais das províncias de Salamanca e de Zamora [SANTONJA, 1983-84: 60; DELIBES DE CASTRO & SANTONJA, 1986: 165] - confinantes com as regiões portuguesas da Beira Alta e de Trás-os-Montes - do Norte de Portugal [JORGE, 1978] e da Galiza [RODRÍGUEZ CASAL, 1990: 65], onde a ponta de seta de base triangular é predominante, ou mesmo exclusiva, como é o caso desta última região.

Nesta área mais distante do «foco» meridional este tipo de artefacto, no entanto, integra os espólios dos povoados calcolíticos, como se regista na *Vinha da Soutilha, S. Lourenço, Pastoria e Castelo de Aguiar* [JORGE, 1986], em Trás-os-Montes ocidental, e no abrigo do *Buraco da Pala* [SANCHES, 1987: 65], no concelho de Mirandela - cujo nível de ocupação mais recente, datado dos finais do 3.^o milénio a. C. ⁽²⁶⁾, forneceu uma ponta de xisto de base côncava - *Lavapés*, na província da Corunha [PATIÑO GOMES, 1983: 34-35] e, na Beira Alta, no *Castro de Santiago*, no concelho de Fornos de Algodres [VALERA & ESTEVINHA, 1989], bem como na Meseta Norte - embora de tipologia diferenciada e mais evoluída - no povoado de *Las Pozas* (Casaseca de las Chanas, Zamora) [MARTÍN VALLS & DELIBES DE CASTRO, 1975: 452; DELIBES DE CASTRO, 1985: 41].

É notável, contudo, o carácter mais rude destas peças, por vezes com um retoque abrupto, ou semi-abrupto, e marginal, utilizando matérias-primas mais difíceis de trabalhar - como o xisto e o quartzo - que, em parte, explicará os índices de espessura mais elevados e o acabamento menos cuidado.

Esta dicotomia de ordem técnica - que se regista entre os artefactos de pedra lascada dos *habitats* e das sepulturas e que poderá ter explicação no âmbito da transmutação funcional - serviu durante muito tempo para alicerçar a existência de dois grupos culturais distintos, embora ocupando o mesmo «território»; esta posição tem sido ultimamente matizada, com base em alguns indícios, no sentido de se integrarem no mesmo grupo cultural os espólios destes diferentes contextos [SANTONJA, *et alii* 1984; DELIBES DE CASTRO & SANTONJA, 1986: 166].

Na região da Beira Alta a ponta de seta de base côncava assinala-se em alguns monumentos megalíticos de corredor e, particularmente, na *Orca do Tanque* (Carvalhal, V. N. de Paiva), onde surgem num conjunto variado mas que inclui algumas pontas mitriformes e alabardas [MOITA, 1966: 239-244].

Este tipo de artefacto parece ser, assim, um elemento alógeno e tardio, no contexto do megalitismo regional, resultando de contactos meridionais, cuja influência se vai desvanecendo à medida que se caminha para norte ou para o interior da Península. Aliás, alguns outros elementos, escassamente representados, apontam também nesse sentido, como os «ídolos-placa» dos monumentos de *Mamaltar de Vale de Fachas* (Rio de Loba, Viseu) - neste caso pintado - e da *Lapa do Repilau* ⁽²⁷⁾ (Couto de Cima, Viseu), as já referidas alabardas da *Orca do Tanque*, bem como uma outra, atribuída à *Orca de Palheiros* (Senhorim, Nelas), o pequeno vaso troncocónico, de base convexa e fino acabamento, com decoração incisa (*zig-zags* verticais, dispostos em bandas horizontais, intercaladas por bandas lisas e mais estreitas), da *Orca dos Juncais* (Queiriga, V. N. de Paiva), etc. [MOITA, 1966: 230-234; SENNA-MARTINEZ, 1983-84: 125, fig. 21].

O pequeno ídolo de Corgas da Matança insere-se no grupo dos ídolos genericamente designados «almerienses», dada a sua importante representação na província de Almeria e áreas limítrofes [LEISNER & LEISNER, 1943: 412-422, est. 178 e 179], «troyano-cicládicos» [ALMAGRO & ARRIBAS, 1963: 242], pela sua semelhança formal com alguns exemplares do Mediterrâneo oriental, ou «cruciformes» [ALMAGRO, 1966: 22; ALMAGRO GORBEA, 1973: 33 e ss.].

Apresenta, no entanto, algumas diferenças, que devemos assinalar.

O azeviche, uma variedade compacta de lignite negro, não é uma matéria-prima que tenha sido utilizada na confecção de objectos de carácter votivo e/ou religioso ⁽²⁸⁾, embora seja comum em objectos de adorno, nomeadamente em contas de colar. Está representado em várias estações

⁽²⁶⁾ ICEN - 310:4120±80 anos BP e ICEN-311:4120±80 anos BP. Cfr. SANCHES, 1989:114-115.

⁽²⁷⁾ Exumada durante os trabalhos de escavação e restauro realizados em 1988. Inédita.

⁽²⁸⁾ O calcário, o xisto e o osso foram as matérias-primas mais utilizadas em ídolos «cruciformes»; o mármore, o alabastro e o talco surgem com menos frequência. Cfr. ALMAGRO GORBEA, 1973.

do Sul de Portugal e da Estremadura portuguesa, quer em contextos datados do Neolítico como do Calcolítico.

No Norte de Portugal apenas se assinala na *Mamoá 1 da Abogalheira*, na Serra da Aboboreira, utilizado no fabrico de uma conta de colar, provavelmente bitroncónica [CUNHA & SILVA, 1982: 27, est. XI], no monumental *Dólmen da Barrosa* (Âncora, Caminha) onde F. Martins Sarmento refere ter recolhido uma conta de colar, em forma de tonel, na mesma matéria-prima [SARMENTO, 1933: 91; GUIMARÃES, 1987-88: 16] e na *Mamoá do Barreiro* (Vilar de Rei, Mogadouro), um sepulcro em fossa sob *tumulus*, talvez individual, que forneceu uma conta de colar bicónica, também em azeviche [SANCHES, *et alii*, 1987: 97].

Na região da Beira Alta apenas se conhece a referência de J. Leite de Vasconcelos a uma conta de colar, bicónica, exumada em 1895 por Maximiano Appolinário no *Penedo dos Mouros* (Rio Torto, Gouveia), provavelmente também de azeviche [VASCONCELOS, 1895:325; MOITA, 1966:269] e, mais recentemente, a conta bitroncónica recolhida no *Dólmen 1 de Lameira de Cima* (Antas, Penedono) [CARVALHO & GOMES, 1989:17].

O entalhe que o ídolo da Matança possui no anverso é outra peculiaridade a assinalar; este, prolonga para a face os entalhes laterais superiores, como que acentuando a separação da «cabeça» do «corpo» do ídolo (Est. IV-3).

Nos ídolos «cruciformes» tal particularidade é única; apenas o exemplar encontrado no povoado de *Los Castillejos* (Montefrío, Granada) ⁽²⁹⁾ se lhe assemelha, pois apresenta duas incisões ao nível do terço superior, formando um ângulo agudo, com o vértice virado para baixo, interpretadas como um elemento separador do colo do corpo ou, ainda, como a possível representação de um colar [ALMAGRO GORBEA, 1973: 42, fig. 3 - 10.].

A possibilidade de o ídolo da Matança poder ter sido utilizado como amuleto é também plausível; neste sentido, o entalhe a que nos estamos a referir seria útil para a sua preensão com um fio, embora não haja disso vestígios. Quer M. J. Almagro Gorbea (1973:33) como Pilar Acosta (1967) se referem a esta hipótese relativamente a alguns tipos de ídolos. Estas pequenas figurinhas antropomórficas poderiam na verdade ser utilizadas como pendentes, isoladamente ou inseridas em colares, assumindo talvez uma função dupla, de carácter religioso - talvez de índole apotropaica - e decorativa.

Na sistematização dos ídolos peninsulares elaborada por de M.^a J. Almagro Gorbea o ídolo da Matança aproxima-se do tipo II - variante F [ALMAGRO GORBEA, 1973: 33 e ss.], que esta investigadora define como «uma placa, geralmente em pedra ou osso, que se caracteriza por apresentar três partes, de forma mais ou menos triangular, divididas por entalhes laterais que representam a cabeça, o tronco e as extremidades inferiores do ídolo», geograficamente bem representado na região do Sudeste, com prolongamentos para a província de Granada.

Aliás, todas as variantes do ídolo «cruciforme» têm uma distribuição significativa no Sudeste peninsular, acentuando-se, assim, o seu carácter «almeriense»; apenas a variante A, que engloba os exemplares cujos «braços laterais estão orientados para cima», nomeadamente a sub-variante 2, caracterizada por apresentar os «braços mais compridos, em ponta ou arredondados, e a forma de uma cruz» (*id. ibidem*: 33) - com a qual o exemplar da Matança parece também ter algumas afinidades -, se distribui pelo SO (Huelva e Alto Alentejo) e Estremadura portuguesa [*op. cit.*: 34, mapa 2].

Como paralelo mais próximo será de destacar o pequeno exemplar, em osso, polido, com entalhes no terço superior (dois no lado esquerdo e um no lado direito), recolhido na sepultura 8 de Los Millares (Est. IV-1), um dólmen de corredor curto (comp. -2,75m), dividido em duas secções (seg. Almagro e Arribas), coberto por grandes lajes, e câmara de planta poligonal alongada (comp. -4,40m; larg. -2,65m), cuja cobertura seria, muito provavelmente, também megalítica [ALMAGRO & ARRIBAS, 1963: 67-68].

Foram ainda exumados neste sepulcro micrólitos trapezoidais, pontas de seta com pedúnculo e aletas, outros ídolos do tipo «almeriense», «tolva» e «falange», vasos lisos e com decoração incisa, com motivos em «espinha», contas de colar, nomeadamente cilíndricas, além de uma pequena peça, em osso, fragmentada, com um entalhe de cada lado, na parte superior, formalmente

⁽²⁹⁾ Foi recolhido no nível III, associado a numerosos artefactos líticos, de que se destacam as lâminas e as pontas de seta (de base triangular, pedunculadas e de base côncava), espátulas e punções de osso, um botão com perfuração em V e cerâmica, de pasta grosseira, nomeadamente «cuencos» e pratos de paredes rectas, com carena suave, por vezes com mamilos perfurados e asas. O nível imediatamente superior integrava já alabardas [TARRADEL, 1952: 56]. M. J. Almagro Gorbea [1973: 42] classifica-o no seu grupo II, variante A-1, e considera o contexto em que foi encontrado datável do Calcolítico avançado, ou mesmo, da Idade do Bronze inicial.

semelhante ao exemplar descrito, que poderá ser interpretado, apesar das suas diminutas dimensões, como um possível ídolo [LEISNER & LEISNER, 1943: 52; 422, est. 24-3].

Um outro ídolo plano, também em osso (Est. IV-2), tipologicamente relacionável com o da Matança, provém da sepultura 7 de los Millares, um monumento ortostático, de câmara de planta circular (4,30m x 4,20m), com corredor (comp. -3,65m), dividido em duas secções por uma porta; a cobertura, seg. os Leisner, não seria megalítica, pelo menos da câmara [LEISNER & LEISNER, 1943: 26-27, est. 12-1; ALMAGRO & ARRIBAS, 1963:72-74; 126-132; est. 47-49 e 145-147].

Este exemplar é muito conhecido por ter sido largamente utilizado como paralelo mais próximo da filiação dos ídolos «almerienses» com os modelos do Mediterrâneo oriental, nomeadamente com o ídolo exumado numa das sepulturas de tipo *tholos* de Kumasa (Mesara), na ilha de Creta [SAVORY, 1974: 148, fig. 47-1]; é uma placa, em osso, polida, fragmentada longitudinalmente no lado direito, com dois entalhes em V na parte superior, definidores da «cabeça», e um entalhe a meio do «corpo», no lado esquerdo ⁽³⁰⁾, medindo 6 cm de altura e 1,8 cm de largura (frag.); integrava um espólio uniforme e típico das sepulturas de Los Millares: vasos com decoração oculada, ídolos de tipo «falange», lisos e decorados, de tipo «tolva», pontas de seta de base côncava, losânicas e com pedúnculo, contas de colar, etc. [ALMAGRO & ARRIBAS, 1963: 126-132; LEISNER & LEISNER, 1943: 26-27, est. 12-1].

Este exemplar de Los Millares 7 foi incluído por M. Almagro e A. Arribas no tipo II da sua sistematização, definindo-o como uma simples variante dos ídolos cruciformes.

Estes investigadores recusam, por outro lado, as possíveis analogias deste tipo com exemplares troiano-cicládicos, considerando-o no entanto o mais antigo da Península Ibérica, do «período inicial da cultura de Los Millares», mas cujo valor cronológico também põem em dúvida face à sua longa sobrevivência [ALMAGRO & ARRIBAS, 1963: 242-243; ALMAGRO, 1966: 23 e 39].

M. J. Almagro Gorbea [1973] não é também muito concludente a este respeito. O seu tipo II é considerado dentro do conjunto dos «ídolos básicos», com origens remotas no Neolítico extra-peninsular mas com perdurações até à Idade do Bronze [p. 336], distinguindo, no entanto, os tipos de maiores dimensões, com colos muito largos - próprios da província de Almeria, os mais antigos e directamente relacionados com os modelos da Grécia e das ilhas Cíclades - das variantes mais estilizadas, que seriam uma evolução dos anteriores e, portanto, mais recentes.

É de salientar que ambos os ídolos foram recolhidos em túmulos de corredor, de dimensões médias. A recente revisão da sistematização de Siret e dos Leisner, feita por Pilar Acosta e R. Cruz-Auñón com base no mobiliário recolhido em escavações antigas e documentação gráfica sobre a arquitectura dos sepulcros da província de Almeria, considera os monumentos mais desenvolvidos os correspondentes às fases II (túmulos predominantemente simples e de planta circular, que podem já atingir 4 metros de diâmetro) e II-III (túmulos de corredor, predominando os de planta rectangular, com um máximo de 5 metros de eixo maior), já que a fase I seria caracterizada pelos pequenos sepulcros simples, de planta circular, cujo diâmetro não ultrapassaria os 2 metros [ACOSTA & CRUZ AUNÓN, 1981].

As contas de colar não são suficientemente expressivas como elementos cronológicos [ACOSTA & CRUZ-AUNÓN, 1982: 331 e 344; DELIBES DE CASTRO & SANTONJA, 1986b: 170] já que diferentes tipos, utilizando matérias-primas diversificadas, estão presentes tanto em contextos neolíticos como calcolíticos. Aparentemente, as contas discóidais parecem ser mais comuns nos monumentos megalíticos de cronologia mais antiga mas, na verdade, formas consideradas mais «evolúdas» podem integrar também estes conjuntos - *Carapito I, El Miradero*, etc. - além de que o mesmo colar pode conter contas de diferentes tipos, tamanhos e matérias-primas.

A conta de colar da Matança, finamente acabada, poderia tanto fazer parte dos contextos iniciais de utilização deste sepulcro, como dos mais tardios.

O mesmo poderemos dizer relativamente aos fragmentos do vaso cerâmico encontrado em Matança, com motivos incisos em «espinha», que se assinala em contextos neolíticos mas é bastante comum no Calcolítico, quer em disposição horizontal quer vertical.

⁽³⁰⁾ Talvez possuísse um segundo entalhe no lado direito, mas o estado da peça não nos permite afirmá-lo. Também, relativamente ao ídolo da Matança, não é possível definir se o lado direito da peça teria originalmente um ou dois entalhes, aproximando-se, no primeiro caso, do ídolo de Los Millares 8, ou se, como a quase totalidade dos ídolos «cruciformes», seria simétrico.

Os vasos decorados são raros em monumentos megalíticos, na Beira Alta e no Norte de Portugal, mas fragmentos cerâmicos com este tipo de decoração foram recolhidos em *Mamaltar de Vale de Fachas* (Rio de Loba, Viseu) [MOITA, 1966: 208] e na *Orca dos Padrões* (Cunha Baixa, Mangualde) [MOITA, 1966: 253], neste último caso numa sequência horizontal, lembrando a decoração do pequeno vaso troncocónico da *Orca dos Juncals*, a que já nos referimos.

Embora não seja possível, por ora, estabelecer qualquer relação entre os megalitos e os *habitats* pré-históricos da região, devemos referenciar, no povoado calcolítico do *Castro de Santiago* (Figueiró da Granja, Fornos de Algodres), um pequeno fragmento cerâmico inciso [VALERA & ESTEVINHA, 1989: fig. 8], cuja decoração obedece ao mesmo padrão.

O fragmento metálico, cujas dimensões não nos permitem definir o artefacto a que terá pertencido, poderá fazer parte deste conjunto de peças, ou corresponder a uma reutilização mais avançada, já que não é completamente inusual a reutilização de monumentos megalíticos mesmo na Idade do Bronze final. ⁽³¹⁾

O significado cronológico dos cristais de quartzo, bem como dos pequenos seixos rolados, encontrados em monumentos megalíticos é reduzido, ou mesmo nulo, mas fazem parte de um ritual que estamos longe de compreender, sendo por isso importante a menção da sua ocorrência. Os cristais não são invulgares em contextos funerários megalíticos, e foram registados desde as mais antigas escavações, e os seixos rolados são bastante comuns, por exemplo, em alguns monumentos da Serra da Aboboreira, de que se salienta o caso da *Mamoia 1 de Outeiro de Ante* (JORGE, 1980-81: 103] e, na região Centro de Portugal, o interessante conjunto de seixinhos recolhido no monumento designado *Mama do Furo* (Quiaios, Figueira da Foz) [VILAÇA, 1986: 112], além de outros, como na *Orca dos Juncals* (Queiriga, V. N. Paiva) [CRUZ & CUNHA, 1990].

É difícil definir com grande precisão o período cronológico correspondente ao conjunto de peças da Matança, embora globalmente traduzam um ambiente calcolítico. Exceptuando o micrólito trapezoidal, que poderá ser mais antigo ou um elemento sobrevivente em contextos tardios, as pontas de seta de base côncava são inequivocamente do período Calcolítico, porquanto não se referenciam em contextos anteriores, e o ídolo, que parece ter um aspecto evolucionado relativamente aos que tipologicamente lhe são próximos, é também uma manifestação própria deste período, não se conhecendo na península Ibérica, tanto na arte móvel como na arte esquemática, elementos de carácter votivo e religioso similares datáveis de contextos mais antigos.

Importa também salientar a importância deste monumento, e do espólio que forneceu, no âmbito dos contactos inter-regionais ao nível peninsular, durante a Pré-história recente - já anteriormente pressentidos com base em alguns elementos dispersos, observados em *habitats*, monumentos funerários e achados avulsos -, contribuindo para o alicerçar desses indicadores; de facto, algumas das peças de *Corgas de Matança* evidenciam claros contactos entre as comunidades que vivem nestas regiões mais interiores com o sul peninsular e, directa ou indirectamente, com o mundo de Los Millares-V. N. de S. Pedro. Outros - de que salientamos as manifestações pictóricas - parecem ter um carácter mais regional, inserindo-se num ambiente cultural diferenciado e mais próximo do Noroeste.

Estes vários elementos obrigam-nos a considerar a Península Ibérica posterior aos 3.000 anos a. C. uma área aberta à circulação de pessoas e/ou de produtos e ideias, complexificando os quadros, por vezes simplistas, que se traçam da ocupação das áreas aparentemente mais isoladas.

Coimbra, Agosto de 1990

⁽³¹⁾ A título de exemplo referimos os artefactos metálicos tardios encontrados na região da Galiza, em monumentos com *tumulus*, inventariados por F. L. Cuevillas (*História de Galiza. Vol. III - Pré-história*, Madrid, Akal Editor, 1980, p. 126); o espólio metálico da monumental mamoa designada «Cova da Moura» (Carreço, Viana do Castelo), cujas estruturas internas se conhecem mal, mas integrando tumulações com um ritual de incineração (Abel Viana, Paleolítico no Baixo Alentejo, in *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 4.º Congresso*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1943, pp. 78-94); na Beira Alta, o artefacto metálico recolhido na *Orca da Cunha Baixa* (comunicação de J. C. Senna-Martinez, *et alii*, ao I Colóquio Arqueológico de Viseu); na província de Cáceres, uma lâmina e uma fíbula, ambas de bronze, recolhidas no dólmen de *Hijadilla I* (M. Almagro Basch, *Megalitos de Extremadura - II. Excavacion de los Dolmenes de Hijadilla* (Excavaciones Arqueológicas en España, 4), Madrid, 1962, p. 12); etc. Em muitos casos tratar-se-ão de reutilizações tardias de antigos sepulcros, mas noutros não serão mais que violações visando o saque dos espólios neles contidos, prática que permaneceu até aos nossos dias.

BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, P.-1967 - *Representaciones de ídolos en la pintura rupestre esquemática española* (Trabajos de Prehistoria del Sem. de Hist. Primitiva del Hombre de la Univ. de Madrid, 24), Madrid.
- ACOSTA, P. CRUZ-AUÑÓN, R.-1981 - Los enterramientos de las fases iniciales en la «Cultura de Almería», *Habis*, 12, Sevilla, pp. 275-360.
- ALARCÃO, J.-1988 - *Roman Portugal*, 2 vols., Wiltshire, Aris & Phillips, Ltd., 148+216 pp., 8 mapas, 164 fotos.
- ALMAGRO, M.-1966 - *El ídolo de Chillaron y la tipología de los ídolos del Bronce I hispano* (Trabajos de Prehistoria del Sem. Hist. Prim. del Hombre de la Univ. de Madrid, 22), Madrid.
- ALMAGRO, M., ARRIBAS, A.-1963, *El poblado y la necrópolis megalíticas de los Millares (Santa Fé de Mondújar, Almería)*, (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 3), Madrid.
- ALMAGRO GORBEA, M.-1970 - Las fechas del C 14 para la Prehistoria y la Arqueología Peninsular, *Trabajos de Prehistoria*, 27, Madrid, pp. 9-43.
- ALMAGRO GORBEA, M.-1973 - La espada de Santiago, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 28 (84), Santiago de Compostela, pp. 60-79.
- ALMAGRO GORBEA, M.J.-1973 - *Los ídolos del Bronce I Hispano*, (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 12), Madrid, 354 pp. 57 est.
- ALMEIDA, A.-1942 - Por Terras de Penalva (Beira Alta). Apontamentos para o estudo da Arqueologia e da História da região, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 9, Porto, pp. 231-282.
- BLAS CORTINA, M. A.-1980, El megalitismo de Penausén I (Salas, Asturias), *Noticiário Arqueológico Hispanico*, 9 Madrid, pp. 67-88, 2 desd.
- BRÉZILLON, M.-1971, *La dénomination des objets de pierre taillée*, (Gallia-Prehistoire, 4.^o suppl.), 2.^a ed., Paris, C.N.R.S.
- CARVALHO, P. M. S.-1989, *Roteiro arqueológico do concelho de Penedono*, Câmara Municipal de Penedono.
- CARVALHO, P. M. S., GOMES, L. F. C.-1989, *Relatório dos trabalhos realizados nos dólmenes da Lameira de Cima (Antas, Penedono)*, inédito.
- CARVALHO, P. M. S., GOMES, L. F. C.-1990 - Megalitismo do Concelho de Penedono. Estudo e valorização, in *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, no prelo.
- [CATÁLOGO]-1987, *Monumentos megalíticos da Beira Alta. Materiais deixados por Vera Leisner. Exposição do I.A.A., em Lisboa, no M.N.A.E.*, Lisboa, Instituto Arqueológico Alemão.
- CERDÁN MÁRQUEZ, C., LEISNER, G. e V.-1952, *Los sepulcros megalíticos de Huelva* (Informes y Memórias, 26), Madrid, 136 pp. XC est.
- COELHO, J.-1948, Notas arqueológicas. «Cidades mortas». Contribuição para o estudo arqueológico e artístico da Beira, *Ethnos*, 3, Lisboa, pp. 281-289, V est.
- COFFYN, A.-1985 - *Le bronze final atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, Diffusion de Boccard, 441 pp.
- CORTEZ, F. Russell-1952 - Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 13, Porto, pp. 193-248, IX est.
- CORTEZ, F. Russel-1954 - Primórdios do Neolítico em Portugal, in *Actas del I Congreso Arqueológico del Marruecos Español (Tetuán, 1953)*, Tetuán, 1955, pp. 179-182.
- COSTA, F. A. Pereira da -1868 - *Noções sobre o estado pré-histórico da Terra e do Homem seguidas da descrição de alguns dólmenes ou antas de Portugal*, Lisboa Tipografia da Academia.
- CRUZ, D. J.-1985 - A necrópole megalítica da Serra do Alvão, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 25 (2-4), Porto, pp. 396-406.
- CRUZ, D. J., CUNHA, A. M. L.-1990 - A Orca dos Juncais (Queiriga, Vila Nova de Paiva). Trabalhos de escavação e restauro, in *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, em preparação.
- CRUZ, D. J., VILAÇA, R.-1988 - A Anta da Cunha Baixa (Mangualde). Escavação, restauro e conservação de um monumento megalítico, in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, no prelo.
- CUNHA, A. M. C. L., SILVA, E. J. L.-1981, *Escavação da Mamoa 1 da Abogalheira (Serra da Aboboreira - Amarante)*, (Trabalhos do G.I.A.N., 1), Porto, 44 pp., 10 fig. (4 desd.), XV est.
- CURADO, F. P.-1986 - Ara votiva de Furtado, *Ficheiro Epigráfico*, Coimbra, 17, n.^o 74.
- DELIBES DE CASTRO, G., FERNÁNDEZ MANZANO, J., ROMERO CARNICERO, F. MARTÍN VALLS, R.-1985, *La Prehistoria del Valle del Duero*, in *Historia de Castilla y León*, 1, Valladolid, Ambito Ediciones.
- DELIBES DE CASTRO, G., SANTONJA, M.-1986a - Aspectos generales del fenómeno megalítico de la Submeseta Norte, in *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*, Madrid, Asociación Española de los Amigos de la Arqueología, 145 e ss.
- DELIBES DE CASTRO, G. SANTONJA, M.-1986b - *El fenomeno megalítico en la provincia de Salamanca*, Ediciones de la Diputación de Salamanca, 225 pp., LV est., 1 mapa desd.
- DELIBES DE CASTRO, G., ALONSO DÍEZ, M., ROJO GUERRA, M. A.-1987 - Los sepulcros colectivos del Duero medio y las Loras, y su conexión con el foco dolménico riojano, in *El Megalitismo en la Península Ibérica* (dir. de G. Delibes de Castro), Madrid, Ministério da Cultura, pp. 181-197.
- FERREIRA, A. Brum-1971 - O rebordo ocidental da Meseta e a depressão tectónica da Longroiva, *Finisterra*, 6 (12), Lisboa, pp. 196-217.
- FERREIRA, A. Brum-1978 - *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de geomorfologia*, (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4), Lisboa, C.E.G., 374 pp., 1 mapa extra-texto.
- FERREIRA, D. Brum-1981 - *Carte géomorphologique du Portugal* (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 6), Lisboa, C.E.G., 55pp., 1 mapa extra-texto na escala de 1/500.000.
- FIGUEIREDO, Moreira de-1953 - Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras, *Beira Alta*, 12, pp. 27-63 e 153-207.
- G.E.E.M. (Groupe d'Étude de l'Épéolithique-Mésolithique), *Épéolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques*, *Bull. Soc. Préh. Française - Études et Travaux*, 66, Paris, 1969, pp. 355-366.

- GOMES, L. F. C.-1988 - Ara anepígrafa de Algodres, *Ficheiro Epigráfico*, 28, n.º 129.
- GONÇALVES, A. H. B.-1989 - Registos arqueológicos do Prof. Doutor Mendes Corrêa. 1920-1934, *Livro de Homenagem ao Prof. Doutor J. Rodrigues dos Santos Júnior*, Lisboa, Inst. de Inv. Científica Tropical, no prelo.
- GONÇALVES, V. S.-1971 - *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal.
- GUIMARÃES, F. J. S.-1987-88 - Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento. Antiqua (Informes, reconhecimentos e prospecções), *Revista de Guimarães*, 97-98, pp. 5-40.
- JORGE, S. O.-1978 - Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos do Noroeste Peninsular, *Mínia*, 2.ª série, Braga, 1978, pp. 99-175.
- JORGE, S. O.-1986 - *Povoados da Pré-história recente da região de Chaves - V.ª Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes ocidental)*, Porto, Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras do Porto, 2 vols.
- JORGE, V. O.-1980-81 - Escavação da Mamoa I de Outeiro de Ante, Serra da Aboboreira - Baião, *Setúbal Arqueológica*, 6-7, pp. 85-111, 1 desd., 2 est.
- KALB, P.-1981 - Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgräber, *Madrider Mitteilungen*, 22, Berlim, pp. 55-77, 1 extra-texto.
- KALB, P.-1987 - Monumentos megalíticos entre Tejo e Douro, in *El megalitismo en la Península Ibérica* (dir. de G. Delibes de Castro), Madrid, Ministério da Cultura, pp. 95-109.
- LANDEIRO, J. M.-1968 - «Genius loci» de Vila Ruiva de Terras de Algodres, s/1, s/ed., s/d [1968].
- LAPLACE, G.-1964 - *Essai de typologie systematique*, Ferrara, Università degli Studi di Ferrara.
- LEAL, A. de Pinho-1875 - *Dicionário geográfico, estatístico, corográfico (...)*, Lisboa, Liv. Ed. de Mattos Moreira & C.ª.
- LEISNER, G.-1934, Die Malerein des Dolmen Pedra Coberta, *Jahrb. Präh. Eth. Kunst*, 9, Berlim, pp. 23-44.
- LEISNER, G.-1945, A cultura Eneolítica do Sul da Espanha e suas relações com Portugal, *História e Arqueologia*, 8.ª série, 1, Lisboa, 28 pp., 15 Est., 6 fotos.
- LEISNER, G. e V.-1943 - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil: der Süden*, (Römisch-Germanische Forschungen, Band 17), 2 vols, Berlim.
- LEISNER, G. e V.-1951, *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 326 pp., 63 est.
- LEISNER, G. e V.-1956-59 - *Die Megalithgräber Der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, (Madrider Forschungen, 1 (1-2)) Berlim.
- LEISNER, V.-1970 - Micrólitos do tipo tardenoisense em dólmenes portugueses, in *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, II, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 193-198, 1 mapa desd.
- LEISNER, V., RIBEIRO, L.-1968 - Die Dolmen von Carapito, *Madrider Mitteilungen*, 9, Berlim, pp. 11-62.
- LEITE, F. B. de Barros-1956 - O Concelho de Penalva do Castelo, *Beira Alta*, 15, Viseu, pp. 29-70.
- MARQUES, J. Pinheiro-1988 - *Terras de Algodres (Concelho de Fornos)*, Fornos de Algodres, Câmara Municipal (Reedição fac-similada comemorativa dos cinquenta anos de publicação, Lisboa, 1938).
- MARTÍN VALLS, R., DELIBES DE CASTRO, G.-1975 - Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora (II), *Boletim del Seminario de Arte y Arqueologia*, 40-41, Valladolid, pp. 445-473.
- MOITA, I.-1966 - Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta, *Ethnos*, 5, Lisboa, pp. 189-277, XX est., 1 mapa extra-texto.
- MUÑOZ SALVATIERRA, M.-1976 - *Microlitismo geométrico en el País Vasco*, (Cuadernos de Arqueologia de Deusto, 4), Bilbao, 151 pp.
- PAÇO, A., FERREIRA, M. E.-1957 - Espada de cobre do Pinhal dos Melos (Fornos de Algodres), in *Actas do XXI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, III, Coimbra, Ass. Port. para o Progresso das Ciências, pp. 357-364.
- PATIÑO GOMES, R.-1983 - Escavación de un yacimiento tipo Penha: Lavapés, 1982. Segunda campaña, *Revista de Arqueologia*, IV, n.º 27, pp. 34-35.
- PEIXOTO, E. M. G. Almeida de Abreu-1988 - *Levantamento arqueológico do Concelho de Fornos de Algodres*, Coimbra, 166 fls., dact. (trabalho escolar apresentado à Fac. de Letras de Coimbra).
- PINA, Martinho Mendonça de-1733 - Dissertação apresentada à Academia Real da História Portuguesa, in *Colecção dos Documentos e Memórias da Academia Real da História Portuguesa (...)*, vol. XIV, fasc. 16, Lisboa, pp. 1-23.
- RIBEIRO, O.-1982 - *Le Portugal Central (Livret-guide de l'excursion C)*. Congrès International de Géographie, Lisbonne, 1949, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica (reimp. da 1.ª ed.).
- RIBEIRO, O., ALMEIDA, J. P. e PATRÍCIO, A.-1943 - Nota preliminar sobre a morfologia do «Maciço da Gralheira». *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 3, Porto, pp. 82-85.
- RODRÍGUEZ CASAL, A. A.-1990 - Die megalithkultur in Galicien, in *Probleme der Megalithgräberforschung. Vortrage zum 100. geburststag von Vera Leisner* (Madrider Forschungen, 16) Berlim, pp. 53-72, 1 est., 1 desd.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1984), *La Península Ibérica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico*, 2 vols., Madrid, Univ. Complutense.
- SANCHES, M. J.-1987 - O Buraco da Pala - Um abrigo pré-histórico no concelho de Mirandela (Notícia preliminar das escavações de 1987), *Arqueologia*, 16, Porto, pp. 58-77.
- SANCHES, M. J.-1989 - Cinco datas de C 14 para a Pré-história recente do Leste de Trás-os-Montes, *Arqueologia*, 19, Porto, pp. 114-115.
- SANCHES, M. J., LEBRE, A. G., SANTOS, A. M.-1987 - A Mamoa do Barreiro, Um tumulus do Leste de Trás-os-Montes, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 27 (1-4), Porto, p. 89-102, X est.
- SANGMEISTER, E., SCHUBART, H.-1981, *Zambujal. Die grabungen 1964 bis 1973*, (Madrider Breitäge, 5), Berlim.
- SANTONJA, M.-1983-1984 - El fenomeno megalítico en el SO de la region del Duero. *Portugalia*, nova série, 4-5, Porto, pp. 53-62, 4 est.
- SANTONJA, M.-1987 - Anotaciones en torno al megalitismo del Occidente de la Meseta (Salamanca y Zamora), in *El Megalitismo en la Península Ibérica* (Dir. de G. Delibes de Castro), Madrid, Ministerio da Cultura, 199-210.
- SANTONJA, M., CERRILLO, J., FABIÁN, J. F., FERNÁNDEZ MOYANO, A., GARCÍA MORALES, M.-1984, El tumulo megalítico de El Torrión (Navamorales). Observaciones sobre la extensión del megalitismo en el Sur de Salamanca, *Revista Provincial de Estudios*, 13, Salamanca, pp. 109 e ss.
- SARMENTO, F. M.-1933 - *Dispensas*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

- SAVORY, H. N.-1970 - A section through the innermost rampart at the Chalcolithic Castro de Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959), *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*, 1, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-148, VIII est., 2.ª ed.
- SAVORY, H. N.-1974 - *Espanha e Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo, 1974.
- SENNA-MARTÍNEZ, J. C., e colaboradores-1983-84 - Contribuições para uma tipologia da olaria do Megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze (1), *Clio/Arqueologia*, 1, Lisboa, pp. 105-138.
- SHEE, E.-1981 - *The megalithic art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press, 159 pp., 190 figs., 41 est.
- SILVA, C. T.-1968-70 - O povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Vestígios de estratigrafia, *Arquivo de Beja*, 25-27, pp. 31-44.
- SOARES, J., SILVA, C. T.-1975 - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal, *Setúbal Arqueológica*, 1, Setúbal, pp. 53-154.
- TARRADELL, M.-1952, La Edad de Bronce en Montefrío (Granada). Resultados de las excavaciones en yacimientos de las Peñas de los Gitanos, *Ampurias*, 14, Barcelona, pp. 49-80.
- VALERA, A. C., ESTEVINHA, I. A.-1989 - *Castro de Santiago (Figueiró da Granja). Fornos de Algodres. Contribuição para o estudo da Pré-história recente da bacia do médio e alto Mondego*, Fornos de Algodres, Gabinete de Arqueologia de Fornos de Algodres, 39 pp., 1.ª ed.
- VASCONCELOS, J. L.-1895 - Aquisições do Museu Etnográfico Português, *O Arch. Port.* 1, Lisboa, pp. 325-326.
- VASCONCELOS, J. L.-1897 - Aquisições do Museu Etnográfico Português, *O Arch. Português*, 3, Lisboa, pp. 107-111.
- VASCONCELOS, J. L.-1919-20 - Coisas Velhas, *O Arch. Port.*, 24, Lisboa, pp. 215-237.
- VASCONCELOS, J. L.-1927 - *De terra em terra. Excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal*, 1, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.
- VILAÇA, R.-1986 - A Mama da «Mama do Furo» (Figueira da Foz), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 26 (1-4), pp. 85-117, 1.ª ed., XI est.
- VILAÇA, R., CRUZ, D. J.-1990 - *A casa da Orca da Cunha Baixa (Mangualde)*, Câmara Municipal de Mangualde, no prelo.

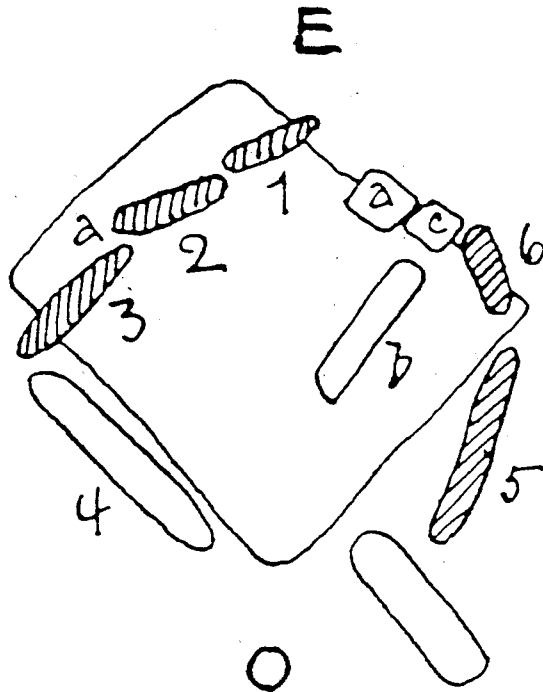


Fig. 1 - *Orca de Corgas da Matança*. Esboço de planta, realizada por J. Leite de Vasconcelos (1896).
Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia (Doc. LXV-7).

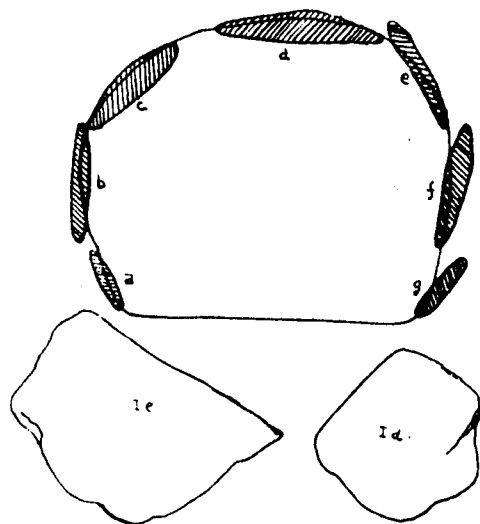


Fig. 2 - Esboço de planta do monumento, feita em 1955 por Irisalva Moita [MOITA, 1966:270]. Esc. de 1:100.

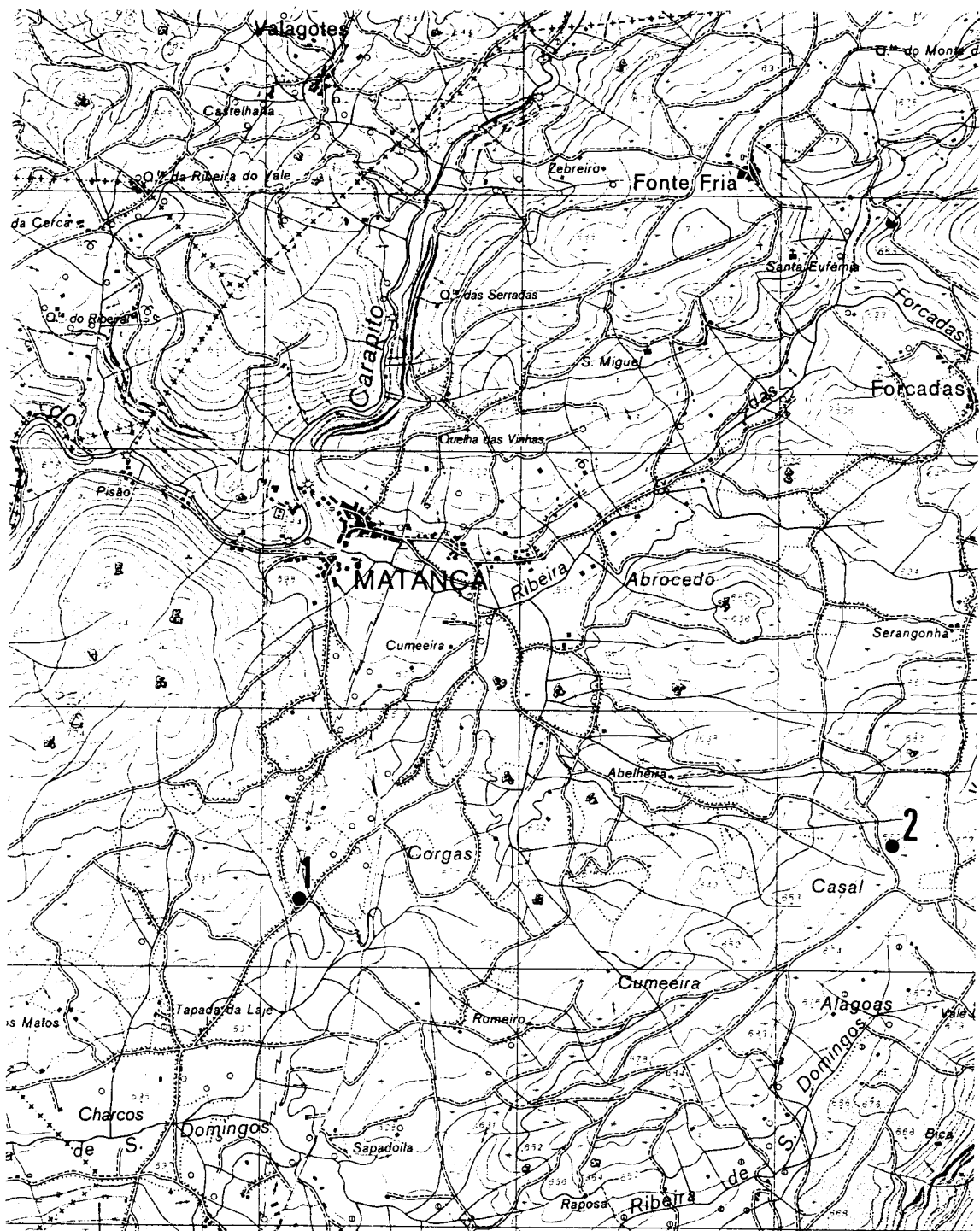


Fig. 3 - Localização dos monumentos megalíticos do Concelho de Fornos de Algodres. 1 - Orca de Corgas da Matança
 2 - Casa da Orca de Cortiçô. Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25.000, fl. 180 - Aldeia-Nova, 1973.

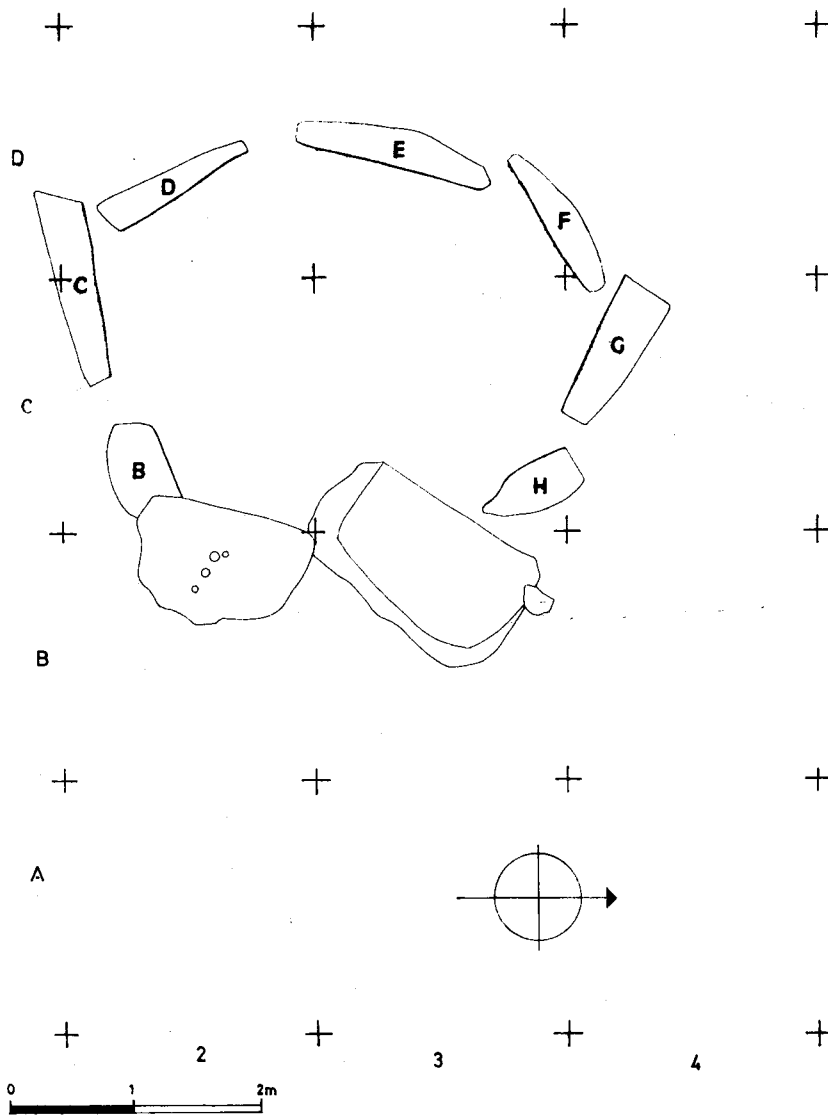


Fig. 4 - Plano da escavação.

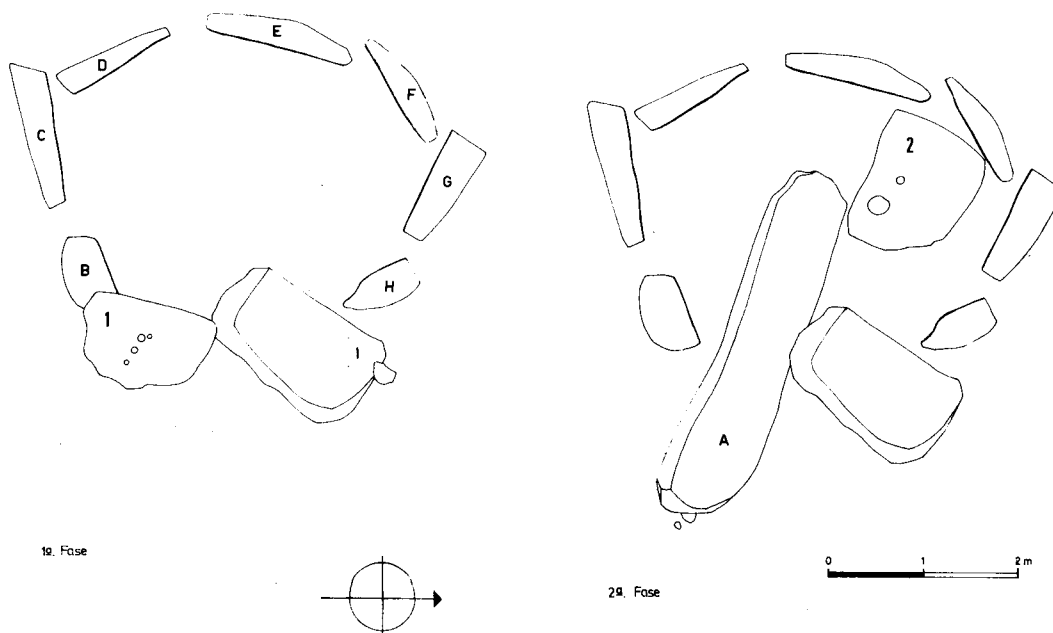


Fig. 5 - Fases iniciais da escavação.

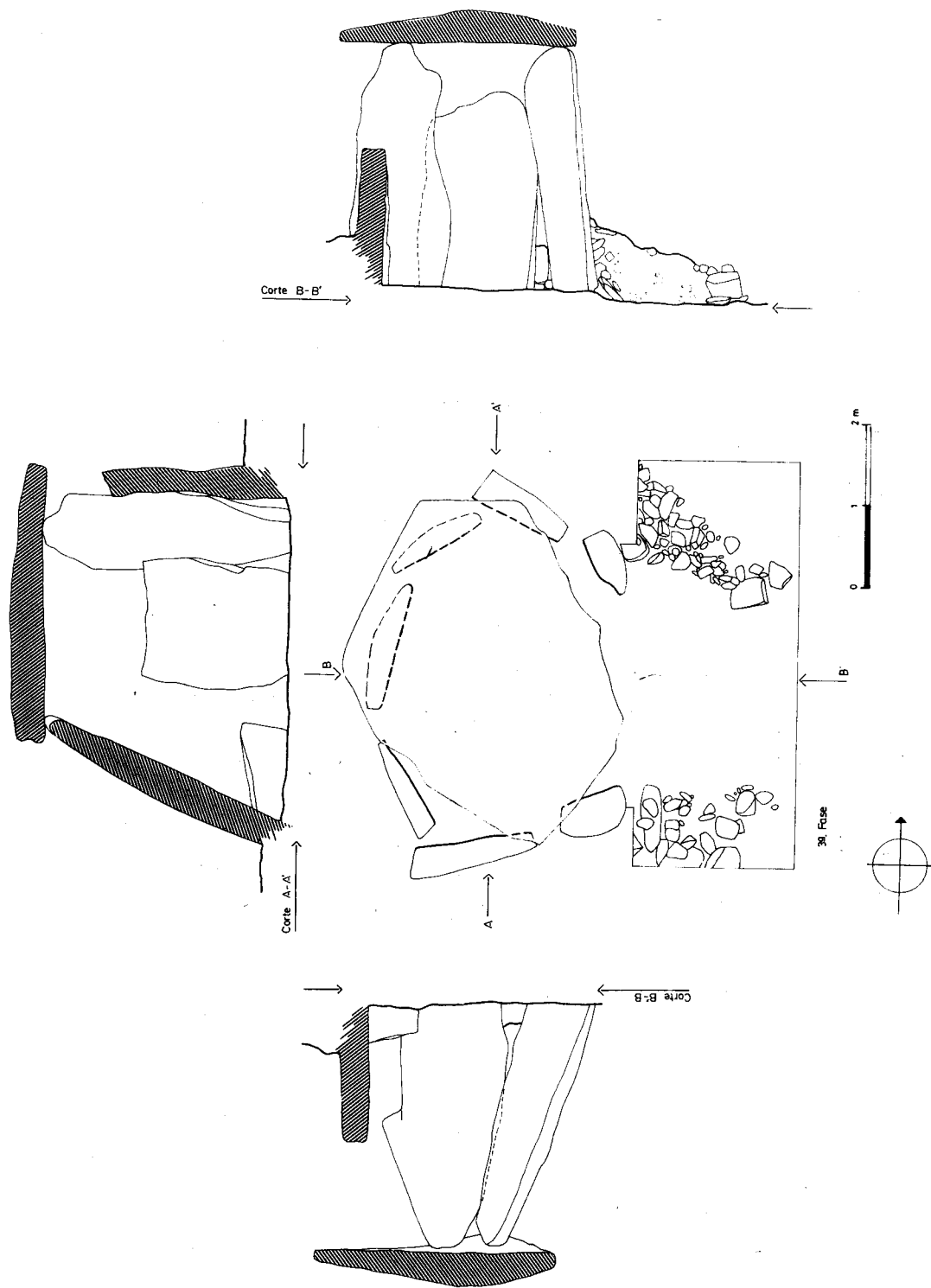


Fig. 6 - Planta e vistas em secção do monumento, após a escavação e antes do restauro. Lev. de J. Luís Madeira e J. Augusto A. Dias. Des. de J. Luís Madeira.

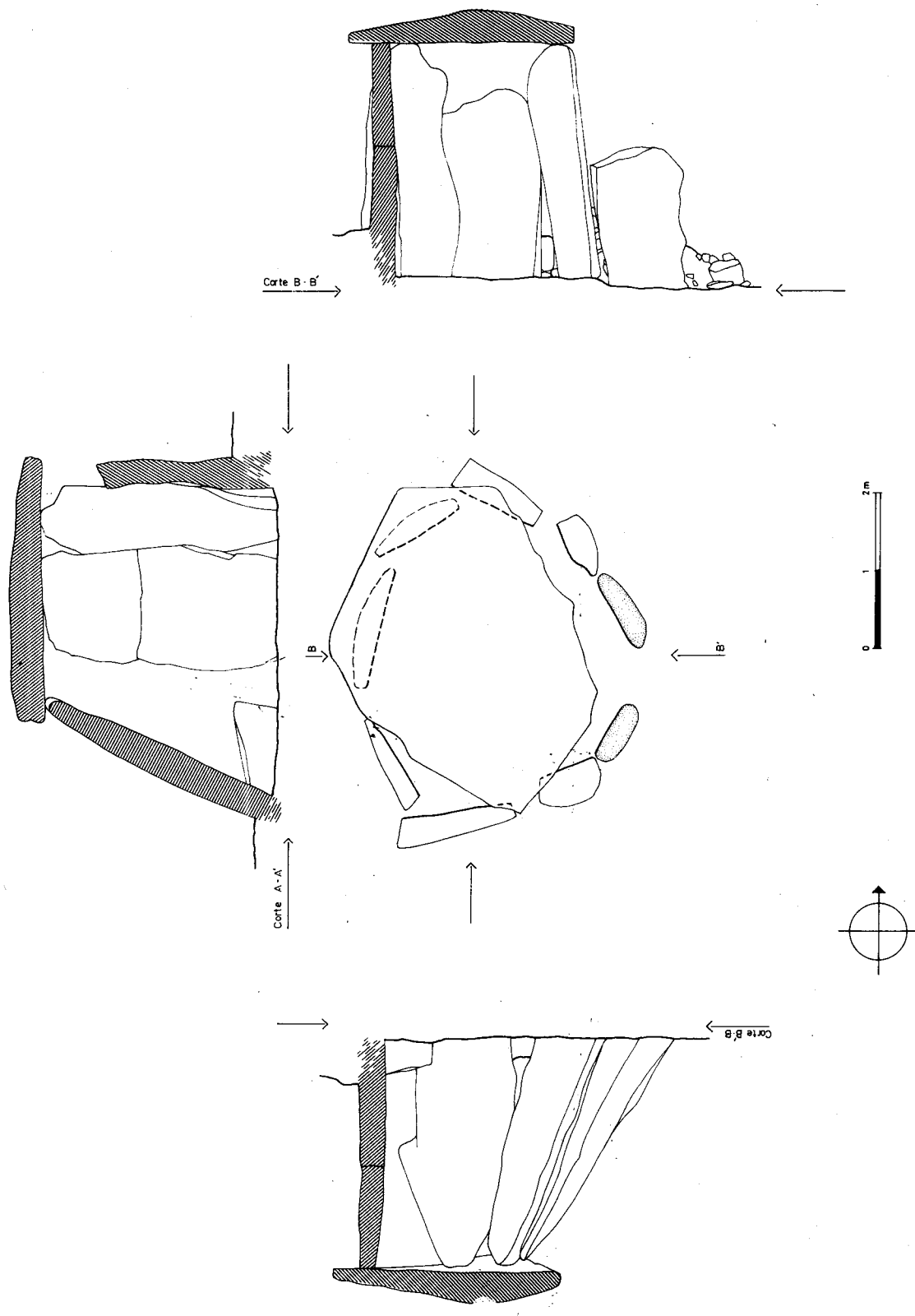


Fig. 7 - Planta e vistas em secção do monumento, após o restauro; a pontilhado indicam-se os esteios que foram recolocados nos prováveis sítios originais. Lev. de J. Luís Madeira e J. Augusto A. Dias Des. de Luís Madeira.

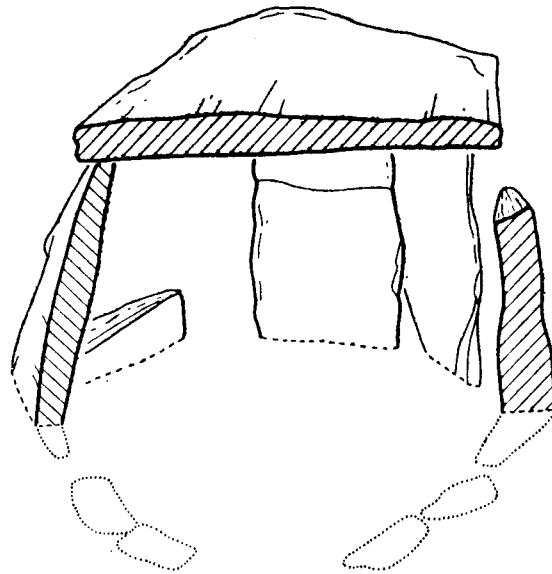


Fig. 8 - Vista isométrica. Des. de José Alfredo L. Barbosa.

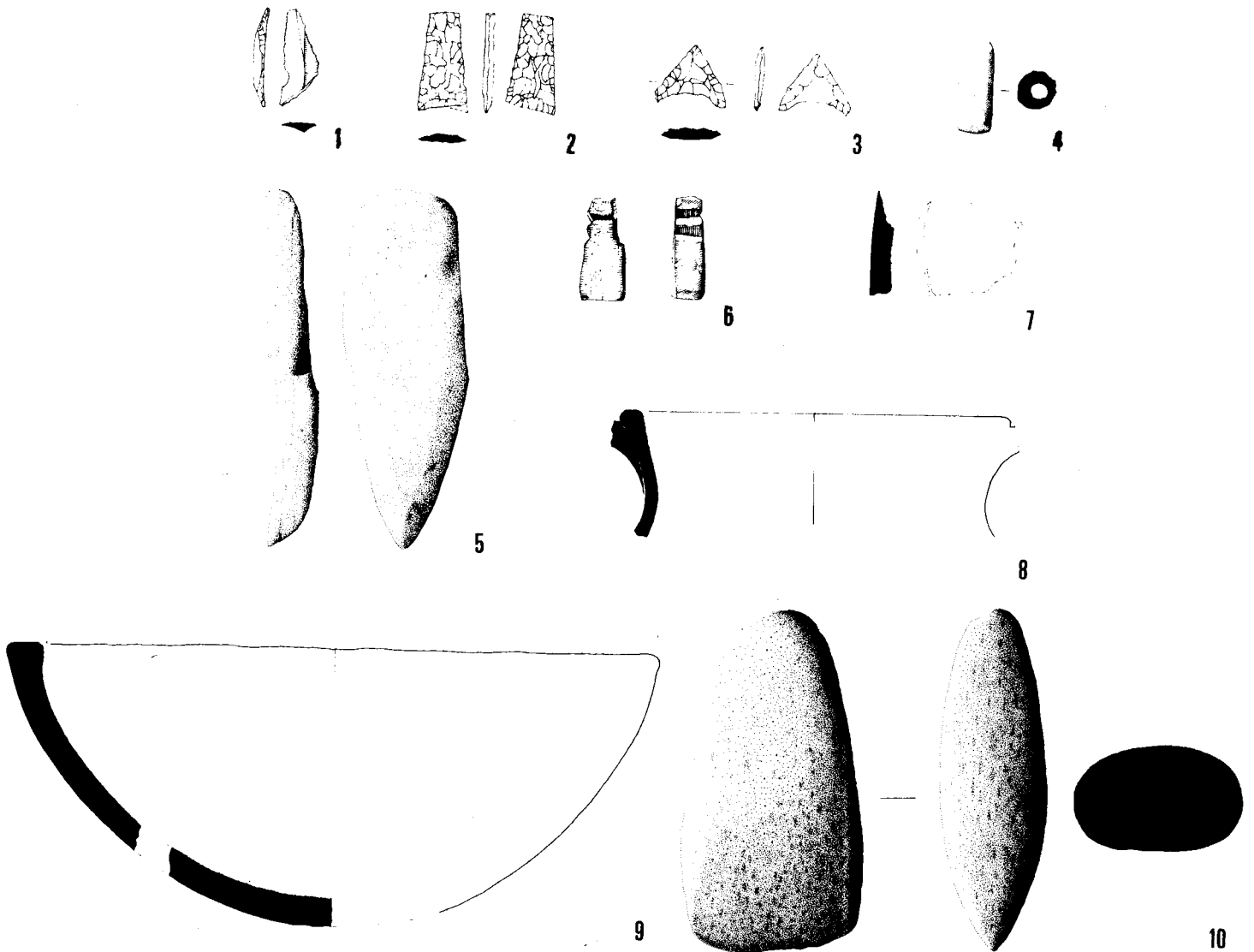
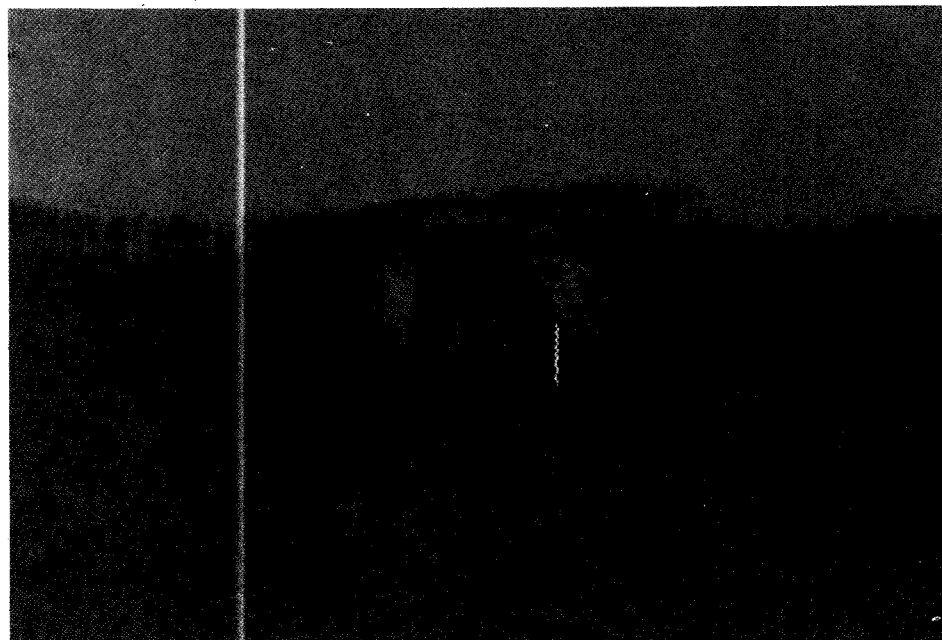


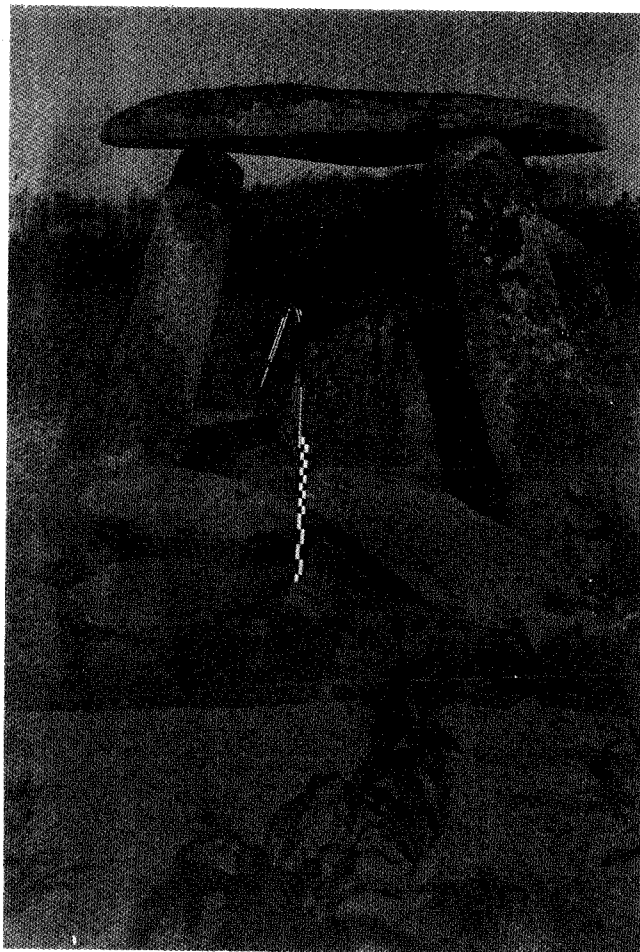
Fig. 9 - Materiais exumados durante a escavação: 1 - micrólito trapezoidal; 2 e 3 - pontas de seta, de base côncava; 4 - conta de colar, suprismática; 5 - fragmento de machado de pedra polida; 6 - ídolo «cruciforme»; 7 - fragmento de cerâmica incisa; 8 - fragmento de bordo de um vaso, provavelmente medieval; 9 - fragmento de vaso cerâmico, em calote de esfera (M. N. A. - n.º 9327-B); 10 - enxó, recolhida nas imediações do monumento (M. N. A. - n.º 9328); Des. de J. Luís Madeira e J. Augusto A. Dias (n.º 10). Esc. de 1:2.



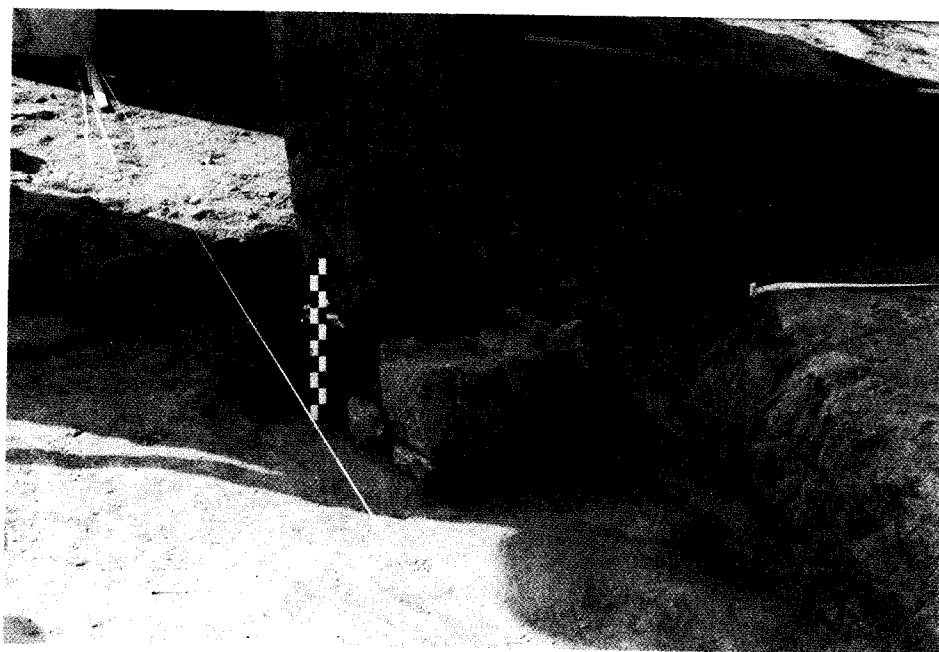
1 — *Casa da Orca de Cortiçô* (Fornos de Algodres), vista de SE.



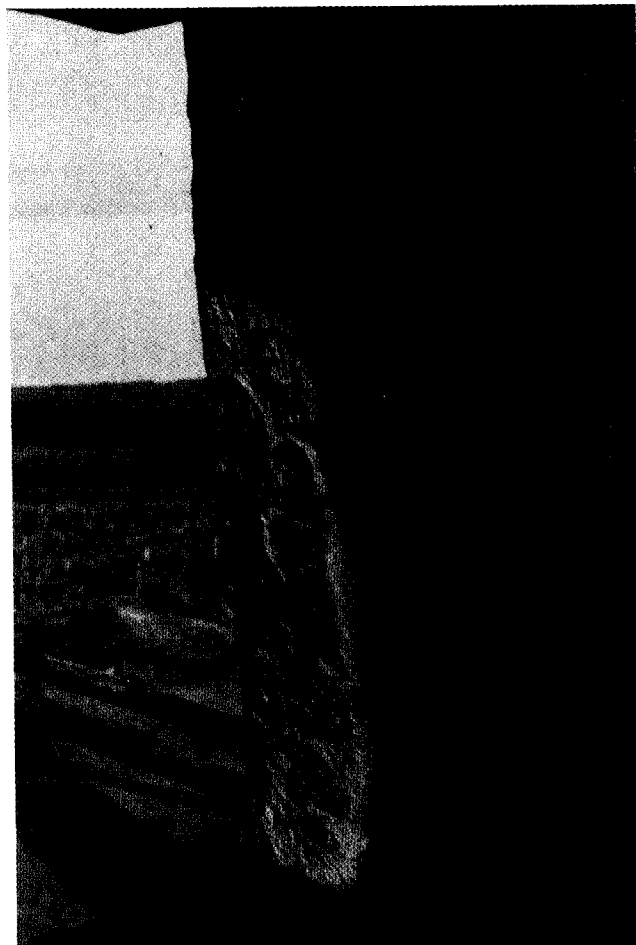
2 — *Orca de Corgas da Matança* (Fornos de Algodres), vista de Nascente.
Aspecto do monumento antes dos trabalhos arqueológicos.



1 — Aspecto da escavação da área da entrada do dólmen.



2 — Pormenor do contraforte, no sector norte. Observe-se, em primeiro plano, a base de um possível pilar, adossado ao contraforte, que se desenvolve a um nível superior.



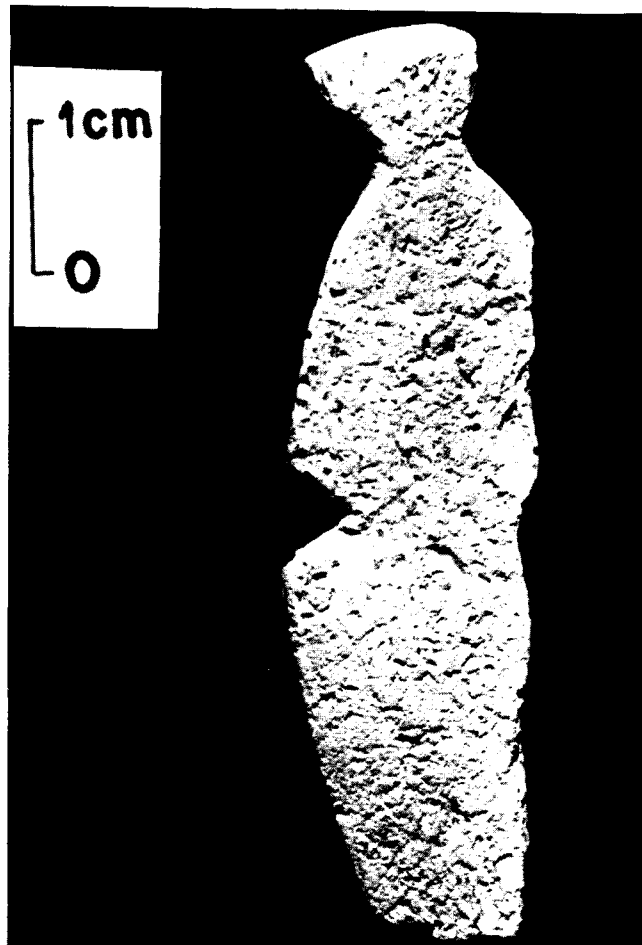
1 — Insculturas do esteio B.



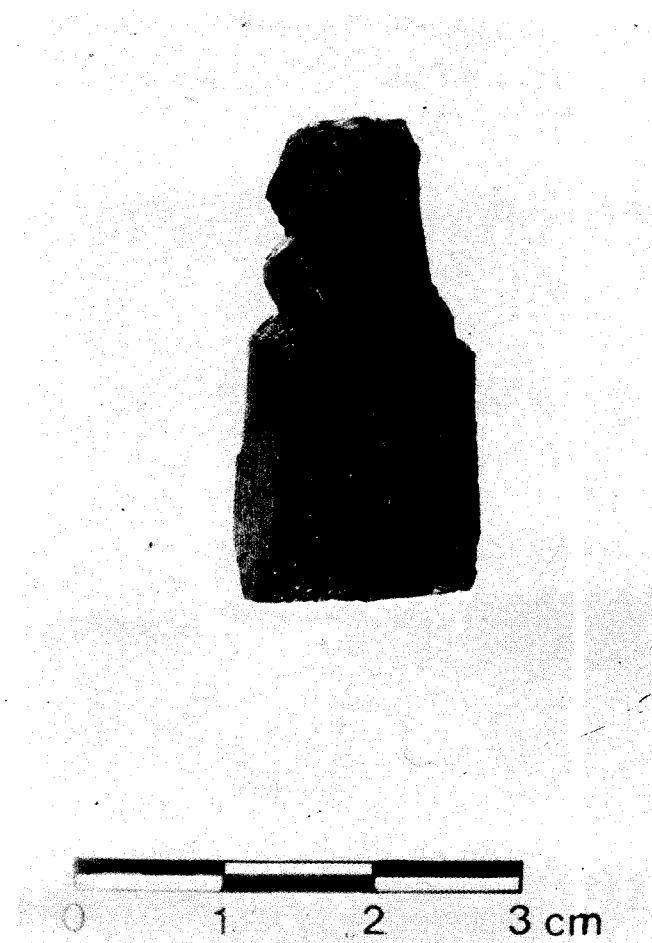
2 — Aspecto do monumento após o restauro.



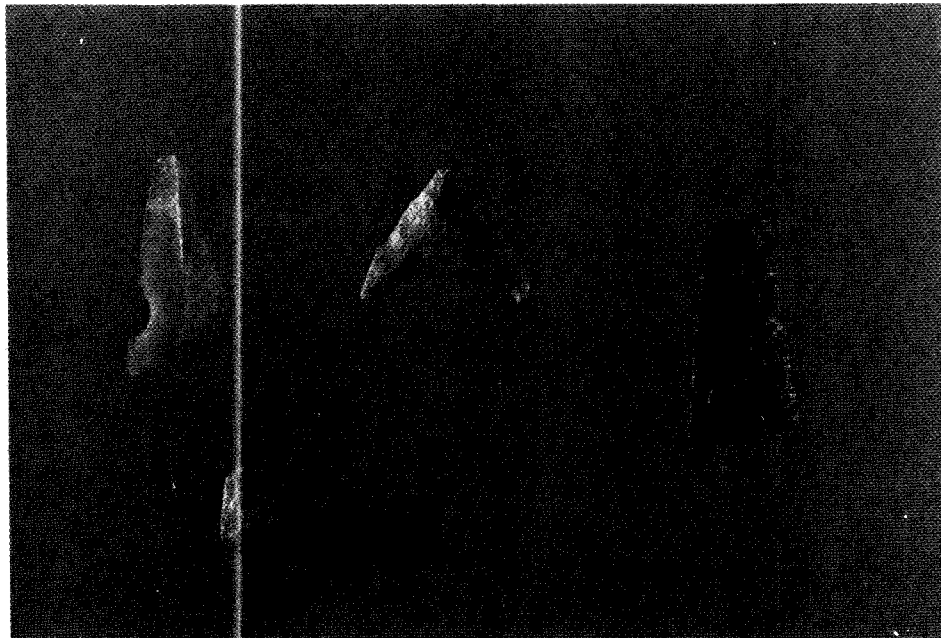
1 — Ídolo cruciforme, em osso, da Sep. 8 de *Los Millares*:
Foto do Museu de Almería. Rep. autorizada.



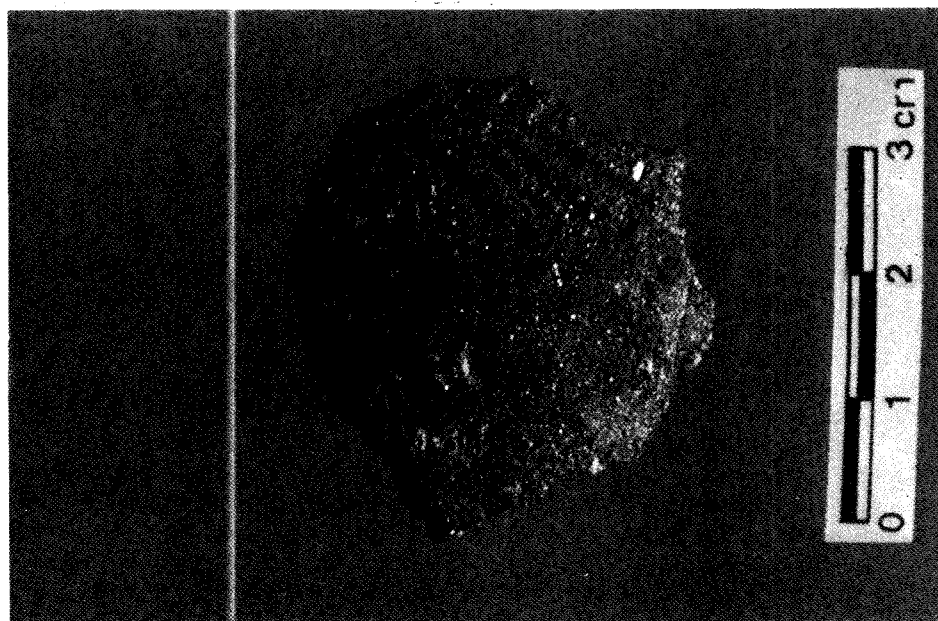
2 — Ídolo cruciforme, em osso, da Sep. 7 de *Los Millares*:
Foto do Museu Arqueológico Nacional (Madrid). Rep. autorizada.



3 — Ídolo cruciforme, em azeviche, da *Orca de Corgas da Matança*.
Foto do Museu Reg. de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Braga).



1 — Espólio lítico da *Orca de Corgas da Matança*.
Foto do Museu Reg. de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Braga).



2 — Fragmento cerâmico com incisões em «espinha».
Foto do Museu Reg. de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Braga).

